

Vila Velha de Ródão, 2019

A IMPLANTAÇÃO RURAL ROMANA A SUL DA EGITÂNIA

The Roman rural implantation of south Igeditania

Maria Cassilda D. Santos

Licenciada em Arqueologia (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)
mcdominguesantos@gmail.com

Palavras-chave Romanização, Egitânia, Idanha-a-Nova

Keywords Roman era, Igeditania, Idanha-a-Nova

Nota prévia

O povoamento romano na envolvente da *civitas* da Egitânia é um tema que tem sido alvo de estudos de arqueólogos e historiadores ao longo dos tempos, bem como de alguns estudiosos de outras áreas e dos estudantes da variante de arqueologia, daí que surjam vários trabalhos científicos que contribuem para um melhor conhecimento da região, esclarecimento e caracterização do tipo de implantação do habitat, e da relação desses povos com a exploração dos recursos naturais em diferentes períodos históricos e mais especificamente durante a ocupação e permanência dos romanos.

O trabalho¹ que nos propusemos realizar numa perspectiva sincrónica sobre a implantação rural romana a Sul da Egitânia integra-se na disciplina de Seminário, sob a orientação do Professor Doutor Jorge Alarcão a qual agradecemos, assim como a indicação da bibliografia sobre este tema.

Foi um trabalho elaborado individualmente; na prospecção sistemática realizada, temos a agradecer o contributo da Associação de Estudos do Alto Tejo e de alguns associados, pois só assim foi possível a concretização do trabalho de campo, efectuado no mês de Agosto, nosso período de férias.

Agradecemos à Sr.^a Maria de Lurdes, conhecida pelos que estudam no Instituto de Arqueologia por D.^a Milú, pela sua atenção, solicitude e apoio na procura e localização da bibliografia necessária, que por certo muito me ajudou dada a pouca disponibilidade de tempo para esta pesquisa, que é fundamental.

Agradeço ainda a todos aqueles que directa e indirectamente colaboraram para a elaboração deste trabalho.

O meu muito obrigado.

Prefácio

Este trabalho foi elaborado em 1999 e apresentado na Faculdade de Letras/Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, integrado na licenciatura de História/Arqueologia.

Considerando a escassez de publicações sobre esta região e a insistência de um amigo, apresentamos o trabalho realizado e que mantivemos integralmente na sua estruturação de texto, nas ideias, na forma e nos conteúdos tal como apresentados em 1999; pedimos a compreensão do leitor para esse fato e pelos pontos menos bons que possa ter.

Apesar do distanciamento no tempo e das incertezas relacionadas com estes sítios arqueológicos, espero que o estudo sirva para inspirar outras investigações, com outra tecnologia, porque a região é rica em vestígios arqueológicos e de mineração (ouro, estanho, volfrâmio, chumbo, antimónio) explorados desde épocas remotas.

O meu agradecimento, estima e consideração por Francisco Henriques, que foi o verdadeiro impulsionador e facilitador de meios para preparar este texto para publicação, dado que, se encontrava em suporte papel e nunca tinha sido publicado. O meu obrigado a todos os que colaboraram.

Agradeço à minha família pelas férias que não tiveram nesse ano e não podia deixar de lembrar alguém muito importante na minha vida, que já não está entre nós de forma física e que contribuiu directa e indirectamente para este estudo, Carlos Magro.

Introdução

A região que estudamos não tem sido muito objecto de estudo sobre o período de ocupação romana, talvez pelas suas características e localização, grande proximidade da urbe mas em contrapartida muito fechada sobre si e rural, assim como a tipologia dos seus achados sem uma grandiosidade manifesta que à partida lhe confira logo estatuto e importância, daí a exiguidade de referências bibliográficas. Mas em si, ela constitui um manancial de informação no que concerne à implantação e fixação de povos no meio rural e à exploração dos recursos naturais desta região. O tipo de solo e as suas potencialidades agrícolas - cerealífera, foram ao longo dos tempos importantes. Junto das casas ou do que resta delas existem as hortas, ou seja, os melhores terrenos onde se fez ou ainda faz o plantio de culturas variadas; os terrenos que são cultivados com cereais ainda hoje, usam um afolhamento bienal. Esta é também uma região em que as actividades associadas à pastorícia se incluem no cenário rural. As riquezas mineiras do subsolo e dos aluviões são bem conhecidas dos autores clássicos e contemporâneos. A mineração e o ouro de aluvião foram factores de forte atracção à fixação dos povos desde a antiguidade.

¹ Trabalho realizado sob orientação do Senhor Professor Doutor Jorge Alarcão.

Considerando ainda a relativa proximidade da Egitânia, a Norte desta região, a boa acessibilidade quer à via importante que ligava a Egitânia a Emérita Augusta, quer ainda a via fluvial, o Tejo, que é a sua fronteira Sul, estão reunidas condições para a fixação de populações no período romano.

Faremos uma abordagem numa perspectiva sincrónica e só relacionada com um período de ocupação. Para o tema a implantação rural romana a Sul da Egitânia, na actual freguesia do Rosmaninhal, procuraremos a partir de algumas hipóteses suportadas pelos autores, tentar formular algumas respostas para clarificar este período nesta região, mas por certo não ficaram completamente respondidas. Na região outros períodos históricos têm marcado interesse como os testemunhos megalíticos, medievais, modernos, e contemporâneos o atestam, mas o período romano foi uma opção metodológica, sendo um período que não está muito estudado e conhecido. Os achados têm vindo a ser exumados por curiosos dos seus contextos o que torna difícil caracterizar as estações e as necrópoles. Muitos estão já em posse de particulares porque são curiosos ou passíveis de ser vendidos ou reutilizados.

O Rosmaninhal é uma extensa área xistosa de cerca de 320km², limite da fronteira portuguesa actual a sul e a este com a Espanha sendo marcada pelas linhas de água onde correm os rios: o Tejo a sul, o Erges a este e o Aravil a oeste. Esta área é por sua vez recortada por outras linhas de água menores definindo vales abertos e amplos, plantados de azinheiras, propícios à cultura cerealífera e à pastorícia de ovinos, caprinos e suínos, onde actualmente predominam reservas de caça de veados, perdizes coelhas e lebres. Na paisagem há ainda uma característica dominante: a aridez que lhe é conferida pelos afloramentos rochosos de sudeste, determinando um relevo do tipo charneca revestido de vegetação rasteira constituída por carrasco, rosmaninho, giesta e estevas.

1. A prospecção arqueológica

A prospecção arqueológica² pode ser considerada essencialmente de dois tipos, método não sistemático e sistemático.

O método de prospecção por nós adoptado foi determinado por condicionalismos de vária ordem, dos mais significativos e em primeiro lugar consideramos o tempo disponível, já que, devido à condição de trabalhador estudante este trabalho de campo foi realizado nas nossas férias em sobreposição às férias escolares, sendo realizada em

² FRÉDÉRIC, Louis (1980) *Manual práctico de arqueologia*, Coimbra, pp.49-97.

Agosto; em segundo lugar as características do terreno e a dimensão da equipa (3 colaboradores).

Em diferentes momentos da prospecção foi notória quão imprópria foi a escolha deste período do ano para a recolha dos dados; porque aqui o calor e a luz são intensos, a sombra é escassa, e alguns terrenos estão cultivados com cereais quase no final da sua maturação, o que acresce em dificuldade; o Outono e o final do Inverno seriam o melhor período devido à realização dos trabalhos de lavoura e temperatura mais suave e luz difusa³.

É de referir que muitos dos terrenos xistosos⁴ estão predominantemente ao abandono, tendo sido alguns deles sujeitos a lavras de grande profundidade para plantações de eucaliptos, estes de crescimento muito lento e sem grande expressão em termos económicos. Nos finais da década de 90 tem-se verificado algum abandono deste tipo de florestação e encontramos novas replantações de azinheira e sobreiro. Também é visível as lavras para pastagens nas reservas de animais. Cerca de 75% do solo integra grandes propriedades fundiárias algumas destas destinadas à caça desportiva como é o monte do Vale da Morena (muitas propriedades e muitos hectares neste momento estão isolados com vedações e com portas fechadas a cadeado).

Daí que, a prospecção tenha tido várias dificuldades: muitas vedações quase intransponíveis; no Verão intenso calor e altas temperaturas; no Inverno frio e vento intenso; povoamento rural muito disperso; e, demografia muito baixa.

2. A prospecção sistemática

Na área seleccionada para a prospecção sistemática optou-se pela prospecção em linha⁵ com intervalos regulares e paralelos ao longo de um eixo, em regra não excedeu os 30m ; a malha foi mais espaçada em terrenos lavrados não excedendo os 50m entre os prospectores e mais apertada em terrenos de pousio ou com vegetação.

³ FRÉDÉRIC, Louis (1980) *Manual práctico de arqueologia*, Coimbra, p.67.

⁴ RIBEIRO, Orlando; TEIXEIRA, C.; RIBEIRO FERREIRA, C. (1967) *Carta geológica de Portugal*, Notícia explicativa da folha 24 D, Castelo Branco, pp.5-22.

⁵ FASHAM, P. J. (1972) *Approches de la prospection systématique*, in *La prospection archeologique Paysage e peuplement* (Actes de la de la table ronde de 14 et 15 Mai 1982, Paris, publiés sous la direction d'Alain Ferdière et d'Elisabeth Zadora - Rio).

Logo que algum sítio era identificado procedia-se a uma prospecção com malha mais fina, com vista à recolha de materiais significativos, delimitação da área de dispersão e preenchimento da ficha adoptada para a recolha sistemática de dados⁶.

A área prospectada de forma sistemática ficou compreendida entre 4 pontos que assinalamos na carta em anexo e cujas as coordenadas são: para o ponto **A** N39°43'10"/ W07°07'25"; ponto **B** N39°43'10"/W07°01'08"; ponto **C** N39°39'56"/W07°07'25"; e, ponto **D** N39°39'56"/W07°03'10", que corresponde a um núcleo central, imediatamente a sul da actual aldeia do Rosmaninhal, com características de solo para uma fixação rural em que as actividades dominantes poderiam ser a agricultura cerealífera e a pastorícia de gado ovino e caprino.

3. Prospecção não sistemática

Neste tipo de prospecção adoptamos critérios baseados na pesquisa bibliografia e nas referências existentes, na análise geomorfológica, na microtoponímia, nas informações orais de pessoas significativas: em membros do antigo GEPA⁷, pastores, rendeiros dos montes e proprietários⁸.

A prospecção não sistemática foi realizada abrangendo a área restante da freguesia do Rosmaninhal e zona de contacto com as freguesias da Zebreira e Segura, sendo de referir que é uma das freguesias mais extensas do concelho. Os nossos critérios foram mais de ordem intuitiva e selectiva, com base no nosso conhecimento arqueológico nomeadamente da toponímia e da região⁹.

Muito úteis foram as informações cedidas por pastores e proprietários dos montes onde se situam alguns dos sítios arqueológicos. Nalguns dias de prospecção fomos acompanhados por membros do extinto GEPA, o que facilitou o acesso aos locais seleccionados, dado que as vias que constam da carta militar estão desactualizadas.

⁶ MESTRE; Joaquim Figueira; TOUCINHO, Maria João Rocha (1983) *Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Beja - inventário dos sítios arqueológicos romanos*. Arquivo de Beja, vol. III, 2.ª Série.

⁷ Grupo de Estudos do Património Arqueológico do Rosmaninhal.

⁸ As altas aramadas vedando as propriedades dificultam qualquer prospecção e exige pedido de autorização caso a caso o que toma cada ano mais difícil circular na propriedade rural do Rosmaninhal.

⁹ Considerando que temos adquirido conhecimento do solo e das suas potencialidades de exploração e de algumas das características dominantes de implantação de habitat, em diferentes períodos históricos no Rosmaninhal.

4. A implantação rural romana na periferia sul da Egitânia

A Egitânia, capital da *civitas Igaeditanorum* e actual Idanha-a-Velha, é uma, fundação Augustana datada a um período anterior a XVI a.C. (ALARCÃO, 1990)¹⁰ incluída numa das três províncias da Península Ibérica, segundo as grandes divisões político administrativas desse tempo. As populações indígenas do meio rural envolvente da urbe vieram a ser romanizadas mais intensa e progressivamente depois desta data. Sendo a região um pólo de procura e imigração de populações das zonas vizinhas e do estrangeiro que aí se instalavam e permaneciam¹¹.

A região em estudo localiza-se a sul da Egitânia, distando aproximadamente 64mi desta. É um território sulcado por três cursos de água importantes o rio Aravil a oeste, a leste pelo rio Erges e a sul pelo rio Tejo. A periferia a sul da Egitânia¹², no século I, estava provavelmente incluída em duas civitates: a *civitas* dos Taporí, problemática nos seus limites e a *civitas Igaeditanorum*.

Quanto aos recursos naturais encontramos a agricultura dos cereais e a criação de gado, sobressaindo a exploração do solo onde os minérios¹³ (estanho, volfrâmio, chumbo, antimónio e ouro) atraíram desde épocas remotas¹⁴. Região não muito afastada da zona urbana de fácil acesso dada a proximidade da grande via romana que ligava Emérita Augusta à Egitânia num ponto próximo de Segura¹⁵. Nas zonas prospectadas identificam-se alguns troços de via antiga, mas de difícil classificação e cronologia, por ausência de vestígios da época e esta poder ser não calçada, e porque não localizamos de forma inquestionável um miliário ou uma estação de muda. Este

¹⁰ ALARCÃO, J. (1990) Portugal - das Origens à Romanização, in *Nova História de Portugal*, Direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Martins, vol. 1, pp.369-370.

¹¹ ALMEIDA, D. Fernando (1956) *Egitânia história e arqueologia* - confirmam esta afirmação as inscrições funerárias de indivíduos provenientes de Salamanca, Líbia, Clúnia, Lancia oppidum, do território interamnense e de Conimbriga, p.31.

¹² Cfr. ALARCÃO (1990) ver mapa da p.362.

¹³ ALMEIDA, D. Fernando (1956) - *Egitânia história e arqueologia*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p.17.

¹⁴ ALARCÃO, J. (1990) *Portugal - das Origens à Romanização*, in *Nova História de Portugal* Direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Martins, vol.I, p.374: refere que na área da Idanha, a meados do século I d.C., um certo Tibério Claudio Rufo ofereceu uma ara a Júpiter em agradecimento por 120 libras de ouro que recolheu. Esta quantidade equivaleria à soma para construir um templo ou um teatro.

¹⁵ ALARCÃO, J. (1988) *O domínio romano em Portugal*, Publicações Europa América, p.101, no capítulo - As estradas, refere que esta via entrava em Portugal por Segura onde ainda se conserva uma ponte sobre o rio Erges ... ; SAA, Mário s.d., *As grandes vias da Lusitânia*, Tomo V, O itinerário de Antonino Pio, p.232 "...unia das principais vias legionárias da lusitânia a ligar Cáceres e por conseguinte Mérida a Talabrica (Viseu)... ia de Cáceres à Idanha, ia a Pedras Albas em direcção à ponte quebrada no Erges no sítio chamado Barão de Salvaterra, divisória das freguesias de Salvaterra do Extremo e de Segura.

ramal poderia ter sido um possível itinerário, ficando próximo das vias rurais actuais e nalguns pontos sobrepondo-se ao atravessar do vale da Ribeira da Enchacana e que serviria todas as populações de agricultores e mineiros dos pequenos e grandes aglomerados populacionais que davam forma a aldeias, villas, granjas e casais que identificamos na prospecção. Esta via poderia ligar todos os pontos populacionais à via principal nas proximidades de Segura, servindo também a colónia de Norba¹⁶. Independentemente do limite Sul da província da Lusitânia em termos administrativos se situar ou não, na fronteira natural, o Tejo (PLIN, 4,117), esta área geográfica era atractiva para a fixação de populações para exploração dos recursos naturais agrícolas e mineiros. Alguns autores clássicos contemporâneos¹⁷ referem-se às riquezas naturais de mineração do solo e dos seus cursos de água auríferos (PLIN, 4, 115), (PLIN, 33, 66). Não temos dados que nos permitam estabelecer uma cronologia precisa, visto que constituí característica peculiar à mineração, numa mesma ocorrência, os trabalhos mais modernos fazerem desaparecer o que resta dos mais antigos. No entanto temos inúmeros vestígios de superfície que confirmam a hipótese de ocupação deste território pelos romanos. A leste de Castelo Branco existe uma extensa área de depósitos terciários. Para Sul corre através desses depósitos alguns rios e ribeiros afluentes do Tejo que arrastam consigo nas enxurradas minerais diversos.

Esta região pela sua localização e recursos naturais, o solo agrícola cerealífero¹⁸ e os minérios, oferecem um tipo de achados superficiais relativos a uma população rural de um período romano não muito fácil de avaliar em termos evolutivos e de implantação do habitat. É de notar aqui os particularismos relacionados com uma população pré-romana que se mantém no seu espaço se vai romanizando muito lentamente, relacionando-se talvez com fenómenos de ruralidade e de maior dificuldade nos processos de difusão da cultura.

¹⁶ Cfr. SAA, Mário s.d., *As grandes vias da lusitânia*, p.263.

¹⁷ FERNÁNDEZ NIETO, F. J. (1970-1971) Aurífer Tagus, *Zephirus*, 21-22, p.248; ALLAN, John C. (1965) A mineração em Portugal na antiguidade in *Boletim de Minas*, Lisboa, 2(3), Jul./Set., p.155: este autor baseado nos trabalhos de Carvalho e Ferreira realizados nos antigos arquivos da Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos refere nesta região a existência de trabalhos de mineração romana.; SCHWARZ, S. (1936) Arqueologia mineira in *Boletim de Minas*, p.35: refere-se aos trabalhos antigos nos rios Baságueda, Aravil e Ponsul mas os que mostram maior desenvolvimento encontram-se junto do Sítio do Rosmanihal onde muitos milhões de metros cúbicos de aluviões foram objecto de lavra.

¹⁸ GORGES, J. G. (1979) *Les villies Hispano Romaine inventaire e problématique archeologiques*, publié du Centre National de la Recherche Scientifique, p.59: Relief et sol, avec le cliinat et les eaux, les elements déterminants des possibilités agricole d'un pays. Ce sont eux qui, en premier, ont décidé de l'implantation rural... La qualité du sol represente la condition fondamentale de l'implantation des vilas souvent liée, par ailleurs, au relief.

A exploração dos recursos minerais pode ter decorrido de forma indirecta, porque não são muito conhecidos nos seus contornos. Esta região também não tem sido alvo de muitos estudos, daí a escassez de referências.

Período Romano

Esta sistematização fundamentada nos autores e na prospecção pretende dar um contributo a este período e preencher um vazio regional sobre o tema que nos últimos tempos tem sido tratado por diferentes autores¹⁹. Noutras regiões do mundo romano, na Península Ibérica, na Lusitânia, e na *civitas* da Egitânia. A implantação do habitat no mundo rural romano terá estado de acordo com os diferentes estratos sociais das populações na época e com as diferenças a nível de riqueza e da evolução da romanidade e da ideia de posse de propriedade (ideia introduzida com a romanização). Assim, o que chegou até nós foram os vestígios de superfície e a sua área de dispersão depois de muitas lavras e revolvimentos de solo.

A nossa proposta não sendo um projecto acabado, dado que só após escavações dos locais identificados é que se lê inequivocamente a paisagem, enquadra-se numa tentativa de leitura da paisagem rural face aos vestígios de superfície encontrados.

5. Inventário de sítios arqueológicos romanos

Os sítios arqueológicos romanos que apresentamos e caracterizamos de seguida, foram resultantes dos dados recolhidos de forma sistematizada na prospecção realizada, sendo a sua distribuição representada em mapa (anexo 1 e 2). Para a recolha dos dados foi utilizada uma ficha de prospecção de sítios arqueológicos romanos que apresentamos em anexo 3²⁰. Esta ficha inclui os seguintes ítems relacionados com: dados geográficos de localização (para esse efeito utilizamos as cartas militares, na escala de 1/25000 e as folhas n.º: a 294 de 1971, a 305 de 1971, a 306 de 1971, a 315 - B de 1971; coordenadas dos lugares latitude e longitude (consideramos os valores medidos pelo GPSII²¹ que nos permitiu uma determinação automática e mais precisa das coordenadas dos lugares identificados, com leituras baseadas numa projecção de 24 a pelo menos 7 satélites); elementos de construção (A+B+C); cerâmica e objectos de

¹⁹ ALARCÃO, J. (1998) Paisagem rural romana e alto medieval em Portugal, *Conimbriga*, 37, pp.89-119; MANTAS, Vasco Gil (1986) Implantação rural romana em torno da villa de S. Cucufate, *Arquivo de Beja*, 2.ª série, 3, pp.199-214; CARVALHO, Pedro (1991); PONSICH, M. (1974) *Implantation rural antique sur le Bas Guadalquivir*, Tomo I, fasc. II.

²⁰ MESTRE; Joaquim Figueira; TOUCINHO, Maria João Rocha (1983) Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Beja - inventário dos sítios arqueológicos romanos, *Arquivo de Beja*, vol. III, 2.ª Série.

²¹ GPSII (1998), Owner's Manual & Reference, Garmin Corporation (Global Positioning System).

vidro; numismática e epigrafia; necrópole; tipo de solo e culturas; material agrícola (ânforas, dolia, barragens, mó, forno de cerâmica, prensa de lagar, moinho de minério e utensílio agrícola); diversos; data de ocupação do local; área actual de dispersão dos achados superficiais; bibliografia; e, observações.

Tapada da Ordem Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306. Ficha n.º1. GPSII Coordenadas do núcleo maior: N39°42'48"/W07°05'40".

Os vestígios de superfície localizam-se entre as altitudes 290 a 310m, em dois núcleos com diferentes áreas e índices de dispersão não muito distantes um do outro; assentam sobre uma cumeada ampla e de acesso fácil, agricultada com fonte e poços, distando da actual tapada o núcleo maior 750m a N-NO; a dispersão actual dos achados distribui-se pela encosta até à linha de água o ribeiro do Manhel.

No momento da nossa visita à estação não localizamos qualquer muro à superfície mas sim elementos de construção dispersos e fragmentados: abundante xisto, blocos de pedra, fragmentos de telhas e opus signinum; cerâmica comum de uso doméstico; materiais agrícolas onde predominam os fragmentos de dolia em muita quantidade (as pastas variam entre o castanho e o alaranjado); fragmento de uma asa de ânfora; fragmentos de mós rotativas em granito de grão fino; 3 fragmentos de 3 pesos de tear, bem boleados pela utilização, onde é visível o orifício para suspender (Figura 1).

Há notícia de outros achados removidos por particulares. É ainda proveniente da Tapada da Ordem a ara dedicada a ARANTIO TANGINTCIAECO (ENCARNAÇÃO, 1984, p.97-98). Sendo terreno agrícola, de lavras frequentes e plantado com azinheiras os vestígios fragmentados aproximam-se e quase tocam as duas áreas. Esta área de dispersão de vestígios tem aproximadamente 12400m².

Referências bibliográficas ALARCÃO, J. (1988) *Roman Portugal*; ENCARNAÇÃO, José d' (1975) *Divindades indígenas sob domínio romano em Portugal*, INCM, Lisboa, p.97-98; GARCIA, José Manuel (1984) *Epigrafia lusitano romana do museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco; HENRIQUES, Francisco [et al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3, Vila Velha de Ródão.

Observações Esta estação dada a proximidade da aldeia é conhecida da população e existem outros achados em posse dos particulares conseguidos a partir de detectores de metais.

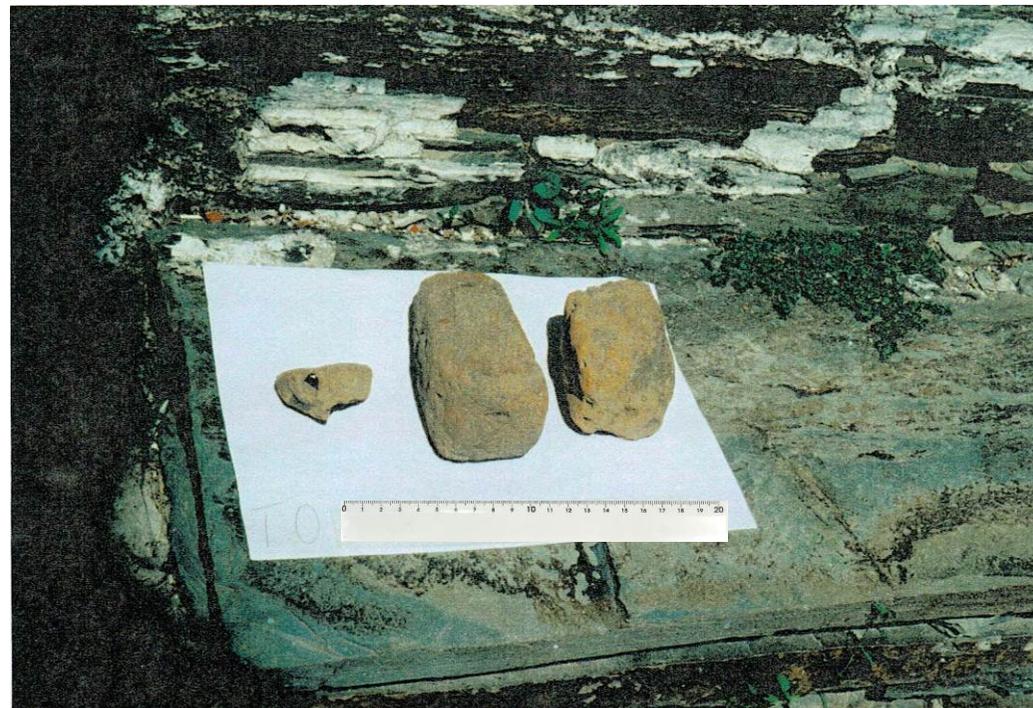


Figura 1. Vestígios de superfície da Tapada da Ordem.

Tapada da Ordem Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306. Ficha n.º 1a. GPSII Coordenadas do sítio: N39°42'48"/W07°05'47".

Os vestígios assentam sobre uma cumeada ampla e de acesso fácil, agricultada com fonte e poços, distando da actual tapada, 250m a N-NO; a dispersão actual dos achados distribui-se pela encosta até à linha de água o ribeiro do Manhel.

Este núcleo apresenta predominantemente blocos de xisto e grandes quantidades de cerâmica grosseira do tipo agrícola; é uma área com cerca de 1600m²; distribuindo-se e acompanhando a linha de água, tendo ainda nas proximidades poços de água.

Tapada da Ordem Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306. Ficha n.º 2. Estruturas escavadas antropomórficas (adiante designadas por e).

Entre as altitudes de 290 a 304m em afloramentos de xisto encontram-se dois grupos de estruturas de forma rectangulares do tipo antropomórficas escavadas na rocha, xisto. Dadas as características das rochas apresentam diferente grau de erosão, assim como das suas áreas internas. O eixo maior destas estruturas tem uma orientação aproximada

pelo paralelo, nascente poente (dependendo a sua ligeira variação da orientação do aforamento onde está escavada). O primeiro grupo de duas distam entre si 10,2m; com as medidas em centímetros do seu eixo maior e eixo menor: e1: 165x 51cm; e2: 163 x 43cm.

No segundo grupo de estruturas escavadas nos afloramentos xistosos situados à direita do caminho que liga a fonte da Alvedeira à Tapada da Ordem surgem em ambas as margens de uma torrente afluente da ribeira do Manhel. Apresentam as seguintes dimensões e3: 170x42cm; e4: 180x45cm; e5: 100x23cm; e6: 180x60cm.

A e5 localiza-se no ponto de altitude mais elevada a 304m relativamente ao grupo total de estruturas escavadas e aos dois núcleos de vestígios de superfície desta estação.

Referências bibliográficas HENRIQUES, F. [et. al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3.

Fonte do Castelo Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306. Ficha n.º 3. GPSII Coordenadas de um ponto médio: N39°42'48"/W07°04'10".

Este achado à superfície localiza-se à esquerda do caminho que liga o Rosmaninhal ao Couto de Santa Marina em terreno com azinhal muito disperso e com vegetação rasteira e arbustos, onde é possível a agricultura cerealífera.

Verifica-se a existência de cerâmica comum muito fragmentada, blocos de construção, placas de xisto, quartzo leitoso e fragmentos de telhas e de mós; os vestígios de superfície revelam ainda escassa concentração.

Os vestígios distribuem-se a montante e na margem direita do ribeiro da fonte do Castelo relativamente à via, estão dispersos e são de fraca concentração por 3600m² a uma altitude de 297m.

Referências bibliográficas HENRIQUES, F. [et. al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3.

Observações Nas margens direita e esquerda do Ribeiro do Manhel foram localizados três núcleos de vestígios e apresentados em três fichas distintas parecendo-nos que estes durante a sua utilização estiveram de alguma forma relacionados, dado que não distam entre si mais do que 250m. Os vestígios dispersam-se na encosta voltada a Sul e em direcção ao actual caminho.

Fonte do Castelo Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306. Ficha n.º 3a. GPSII Coordenadas do ponto médio do achado: N39°42'49"/W07°04'15".

Este achado à superfície localiza-se à esquerda do caminho que liga o Rosmaninhal ao Couto de Santa Marina em terreno com azinhal muito disperso e com vegetação rasteira e arbustos. Este núcleo distribui-se no terreno, na margem direita do ribeiro da fonte do Castelo e a montante relativamente à via e à fonte (Figura 2), estando dispersos os vestígios a uma altitude de cerca de 298m e com uma concentração aproximada de 720m².

Verifica-se a existência de cerâmica comum muito fragmentada, blocos de construção, placas de xisto, quartzo leitoso, reduzidas quantidades de fragmentos de telha, fragmentos de mós; os vestígios de superfície revelam ainda escassa concentração.

Referências bibliográficas HENRIQUES, F. [et. al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3.



Figura 2. Sítio da Fonte do Castelo.

Fonte do Castelo Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306. Ficha n.º 3b. GPSII Coordenadas de um ponto: N39°42'51"/W07°04'12".

Este achado à superfície localiza-se à esquerda do caminho que liga o Rosmaninhal ao Couto de Santa Marina em terreno com vegetação rasteira e arbustos, plantado com

azinhal muito disperso. Os vestígios apresentam uma dispersão aproximada por 500m², a cerca de 297m de altitude.

Verifica-se a existência de cerâmica comum muito fragmentada, blocos de construção, placas de xisto, quartzo leitoso; os vestígios de superfície revelam uma escassa concentração.

Referências bibliográficas HENRIQUES, F. [et. al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3.

Fonte de Santa Marina Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306. Ficha n.º 4. GPS Coordenadas N39°41'37"/W07°04'17".

Este sítio arqueológico localiza-se a cerca de 250m da fonte de Santa Marina numa plataforma atravessada por uma via rural que ao ser construída, produziu um grande revolvimento de terras entre os 276 a 282m de altitude. É ainda de referir as lavras de profundidade com máquinas, para os campos produzirem pastos para apascentar os veados da reserva.

Os vestígios à superfície ainda são numerosos e muito fragmentados (Figura 3) de: tégulas, tijolos, pedras de construção, silhares, quartzo leitoso, cerâmica comum, opus signinum, terra sigiliata e fragmentos de mós em granito.

A área de dispersão dos achados distribui-se por cerca de 7200m².

Referências bibliográficas Inédito.

Observações Segundo a tradição oral nas proximidades deste local existiu uma capela cuja patrona era Santa Marina. A imagem em talha de madeira policroma está na capela de Santo António, na religiosidade popular ainda hoje é a santa protectora dos homens no exército. Verificamos no Couto de Santa Marina a reutilização de materiais de construção em granito talhado que não pertencem ao horizonte geológico regional.

Lagoa da Ribeira Corcho Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º5. GPSII Coordenadas de um ponto médio da estação: N39°42'34"/W07°01'53".

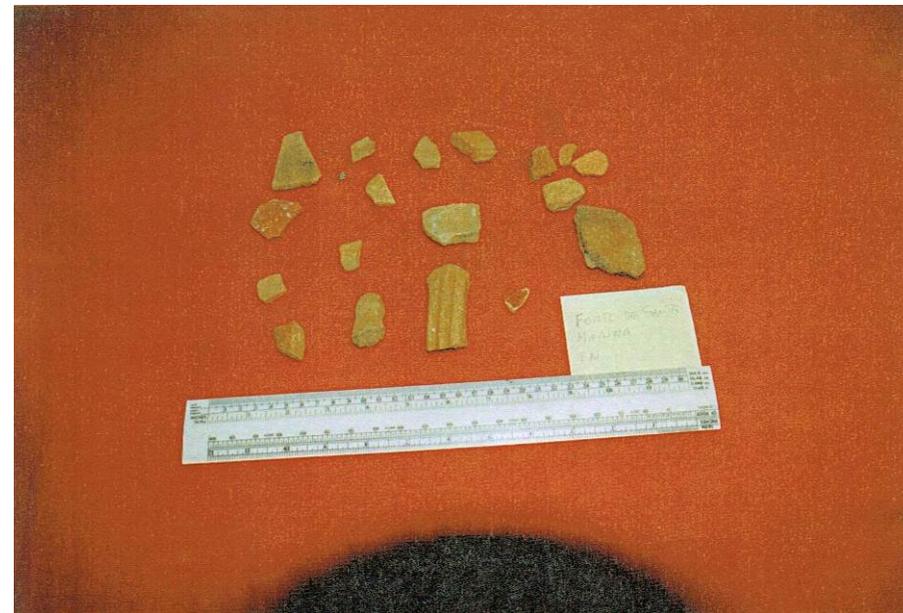


Figura 3. Vestígios de superfície do Sítio de Sta Marina.



Figura 4. Vestígios de superfície do Sítio da Lagoa da Ribeira

Este sítio arqueológico fica localizado a cerca de 800m do marco geodésico do Corcho, à direita da via no sentido NW-SE, abrange uma área de topo e vertentes plantadas com azinheiras, a área da estação está invadida por carrasco e estevas entre os 300 e 309m de altitude. Estes são campos de lavra com indícios de incultos; na linha de água a cerca de 100m existe uma fonte com cobertura parcial em granito talhado.

Parte dos vestígios de superfície estão dentro de um espaço murado e em ruínas.

Localizamos nos vestígios de superfície (Figura 4): grande quantidade de elementos de construção: tégula, imbrices, tijolos, opus signinum, fragmentos cerâmicos de canalizações, pedras de construção (placas de xisto, blocos de granito e quartzo leitoso); cerâmica comum de uso doméstico de paredes finas, material agrícola: dolia (escassa quantidade de fragmentos), mós giratórias em granito, peso de tear em cerâmica boleado e de suspender com mola, fragmento de forno de cerâmica; escórias de alta densidade, um fragmento de base de moinho de minério em grauvaque (Figura5) com as medidas (18x19x10cm) (desconhece-se o número de pilões que teria, dado que esta base se encontrou com três linhas perpendiculares de fractura, a trituração do minério ocorreu só numa das superfícies do paralelepípedo).



Figura 5. Base de Pilão em grauvaque do Sítio da Lagoa da Ribeira.

Os vestígios superficiais desta estação distribuem-se por uma área de cerca 15000m², em que os pontos centrais apresentam um elevado índice de concentração de materiais.

Referências bibliográficas HENRIQUES, F. [et. al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3.

Observações Informações orais referem que neste local se encontrava uma base com 21 pilões. Na batida sistemática da estação não foi localizada.

Lagoa da Ribeira Corcho Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º 6 - Estrutura escavada do tipo antropomórfico. GPSII Coordenadas: N39°42'34"/W07°01'53".

A uma altitude de 309m e localizada dentro da área definida para a estação anterior e em contexto de materiais romanos já referidos. É uma estrutura do tipo antropomórfico escavada em afloramento de xisto. Neste momento encontra-se muito entulhada e em avançado estado de destruição devido às lavras e à erosão dos xistos. As medidas possíveis e aproximadas para o comprimento 220cm e para a largura máxima 60cm.

Referências bibliográficas HENRIQUES, F. [et. al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3.

Observações Informações orais referem a existência de mais três estruturas com estas características nesta cota, mas os afloramentos estão muito erodidos e recobertos com os materiais dispersos à superfície não sendo possível a sua localização.

Febre Amarela Ribeiro do Muro Alto Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º 7. GPSII Coordenadas de um ponto médio: N39°44'51"/W07°01'19".

Os vestígios de superfície localizam-se na encosta (Figura 6) até à cumeada à esquerda do caminho que vai do Cabeço Alto para o Monte do Zambujo a uma altitude compreendida entre 330 a 340m, onde actualmente se mantêm estruturas em ruínas. Estas estruturas distribuem a 3/4 da encosta muito próximas do topo. As áreas N, E, e S, foram danificadas pela florestação de eucaliptos há uns anos atrás; mas evidência também a existência de construções e vestígios superficiais. Na envolvente da estação prevalece o montado de azinho e aí foi possível uma melhor observação. A cumeada é atravessada por um afluente do ribeiro do Muro Alto que mantém o seu curso activo durante bastante tempo no ano, secando no verão; a cerca de 400m a montante existe uma fonte.



Figura 6. Sítio da Febre Amarela.



Figura 7. Febre Amarela e a reutilização de materiais.

Uma das estruturas é circular e está em ruínas, foi construída com blocos de xisto e quartzo, terminando em falsa cúpula com chão de placas de xisto e porta com lintel (agora retirado). Tem as dimensões seguintes: diâmetro total (com inclusão das paredes) 4m; diâmetro interno 3,40m; na área que estamos a considerar existem outras estruturas sem cobertura e de diferentes formas e dimensões: uma elíptica construída em pedra com um muro de 2,50m de altura, 1m de espessura e cerca de 20m de diâmetro maior; na sua construção foi utilizado o material rochoso do horizonte geológico da estação (xistos com alto grau de oxidação, dado que as paredes dos muros tinham uma coloração entre o violeta e o ferro).

Constatamos que na construção desta estrutura foram reutilizados (Figura 7) fragmentos de mós giratórias em granito; um dos fragmentos era compatível com um movente de triturar minério onde era visível em parte o mancal. Vestígios de superfície: cerâmica comum de paredes finas (difícil de identificar dada a sua fragmentação) e de pasta grosseira; materiais de construção: tijolos, tégulas (escassas); escórias, um dormente (de moinho manual em granito, moventes de mó rotativas em granito (numa foi possível as medidas 47x20cm, no centro orifício para o mancal do eixo com 6cm). A área de dispersão dos achados de 25000m², fraca densidade dos vestígios superficiais, terreno pouco propício à exploração da agricultura, os afloramentos rochosos conferem-lhe aridez e secura; a encosta sem indícios de lavras. A jusante do sítio arqueológico a torrente apresenta um percurso entre fragas; a cerca de 1500m a jusante e já no ribeiro do Muro encontra-se uma ponte antiga em xisto com traçados fósseis.

Referências bibliográficas HENRIQUES, F. [et. al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3.

Febre Amarela Ribeiro do Muro Alto Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º7a – represa.

Na linha de água, bem escavada no solo, onde corre um curso de água temporário afluente do Ribeiro do Muro (atravessa a cumeada descrita na ficha 7), localizamos o que resta de uma estrutura do tipo de represa construída ao cutelo com blocos de grauvaque, tem no leito e à volta uma cascalheira.

Referências bibliográficas Inédito.

Observações O horizonte geológico da estação é xisto e grauvaque.

Febre Amarela Ribeiro do Muro Alto Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º 8 - estruturas antropomórficas (Figura 8). GPSII Coordenadas de um ponto médio: N39º44'51"/W07º01'19".

Estes vestígios localizam-se na margem direita do ribeiro do Muro Alto, acerca de 20m do curso, numa encosta de leve inclinação e a uma altitude de 310m. A Norte, Este e Sul constatamos que aconteceram grandes revolvimentos de terra para florestação com eucaliptos. Visitamos uma das estruturas pois a outra mencionada na bibliografia não a localizamos.



Figura 8. Febre Amarela – estrutura escavada na rocha com a forma antropomórfica.

Esta está escavada num afloramento de xisto e numa plataforma com um desnível de cerca de um metro do solo no lado norte e no lado sul ao nível do solo. Tem a forma rectangular e com as medidas de 220x40cm, apresentando a orientação do lado maior o próxima do ponto E-W. Sem outros achados que melhor a caracterize a não ser a proximidade dos vestígios romanos dispersos e as estruturas mais recentes com utilizações desconhecemos.

Couto dos Mouros Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º 9 - Bases de pilões de moinhos de mineração em grauvaque. GPSII Coordenadas do ponto do sítio de localização do achado: N39º40'41"/W07º03'26".

Localizam-se no curso e margens da ribeira na proximidade do Couto dos Mouros. Este achado encontra-se sem contexto arqueológico devido aos revolvimentos de terras para plantação de eucaliptos, mas dadas as características mineiras da região é referenciado. Foram observadas em bloco de grauvaque, não aparelhado, 32 bases de pilões de minério. Esta base de forma não muito regular e com sinais de utilização das duas faces maiores. No mesmo local foi identificado um girante e um dormente em quartzito elementos de moinhos cilíndricos de marcha lenta para o minério e um disco também em quartzito.

Referências bibliográficas Inédito.

Observações Nas proximidades do achado não foram localizados sinais de actividade mineira. Sem contexto.

Mina do Fervedouro Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º 10 - Minas. GPSII Coordenadas do poço: N39º40'08"/W07º05'53".

Localiza-se a meio da encosta acerca de 208m de altitude, na margem direita do ribeiro do Fervedouro (Figura 9); apresenta uma envolvente de entulho e aí foram localizados vestígios de escórias, cristais de quartzo (Figura 10) e cerâmica de vários períodos (dois fragmentos podendo corresponder a uma fase tardia romana). O poço tem alguma irregularidade (Figura 11 e 12) com as medidas na embocadura de 3,5x2m e de até ao entulho 6m, este estreita na descida. Não apresenta indícios de lavras.

Referências bibliográficas inédito.



Figura 9. Ribeiro do Fervedouro.



Figura 11. Entrada do poço das minas do Fervedouro.

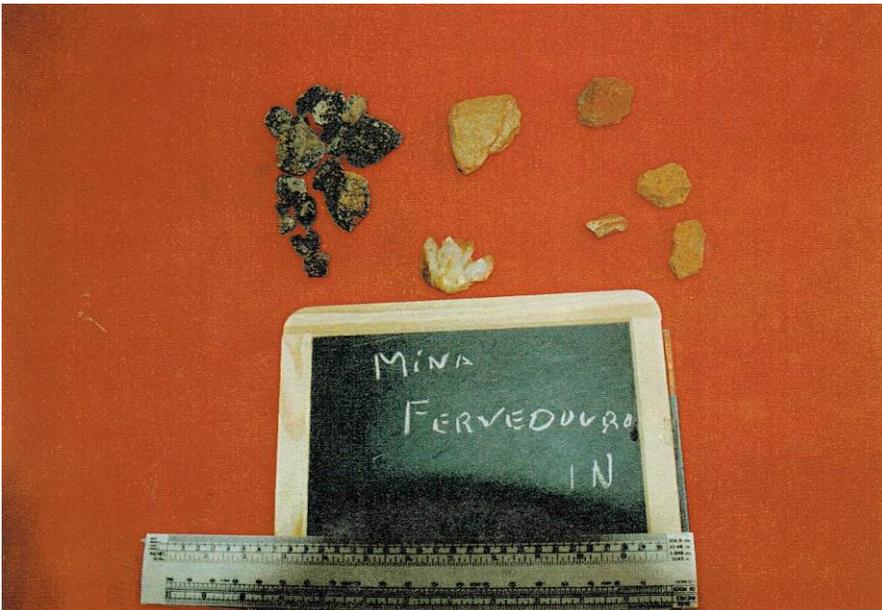


Figura 10. Vestígios de superfície localizados no entulho.



Figura 12. Entulho visível da embocadura do poço das minas do Fervedouro

Minas do Cabeço ou Cabeço dos Pires Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º11 - Minas. GPSII Coordenadas do ponto que corresponde ao primeiro poço: N39°40'10"/W07°04'07" em que predomina o xisto e grauvaque os poços iniciam-se a uma altitude de 200m. Arribas de forte inclinação; em cada curva de nível situam-se vários poços (Figura 13) com diferentes profundidades e diferentes volumes de entulho a coroar a entrada. No primeiro cabeço foram inventariadas 10 minas do tipo vala (Figura 14), com 16m de comprimento por 3m de largura em média. As valas mais profundas tomam a forma de poço de planta subrectangular construídos a partir de blocos de xisto negro azulado e grauvaque; as paredes de suporte são construídas sem argamassa. É difícil saber se dá acesso a galerias dado que as entradas estão muito entulhadas. Os poços têm profundidades diferentes, apresentando relativamente ao comprimento maior uma orientação no sentido NNE-SSW, podendo ser poços e valas filonianas. Não se detectam minerais pesados, nem escórias e sim cristais de quartzo pigmentados de amarelo ouro. Os cabeços das margens direita e esquerda do ribeiro do Cabeço apresentam idênticos sinais de mineração e aí inventariamos 18 valas e respectivas coroas de entulhos. O cabeço confinante com o da margem direita apresenta igualmente 9 poços de mineração em profundidade e 2 tentativas de galerias. O ponto mais a Sul da exploração mineira apresenta as coordenadas em GPSII N39°39'55"/W07°04'25".



Figura 13. Minas do Cabeço, em cada curva de nível situam-se vários poços.



Figura 14. Minas do Cabeço – Mineração do tipo trincheira.

Sem materiais à superfície que aponte para uma cronologia de exploração e mineração segura. Qualquer das valas não apresenta lavras recentes.

Referências bibliográficas Inédito.

Mole Molhe Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 315-B, 1971. Ficha n.º 12. GPSII Coordenadas de um ponto: N39°39'46"/W07°03'10".

Cabeço de pequena altitude (Figura 15) de cerca de 160m, localizado num dos meandros junto à foz do ribeiro da Godinha no rio Tejo.

Os vestígios de superfície apresentam uma distribuição irregular devido às lavras recentes para plantação de eucaliptos, tem baixa densidade de concentração. Identificamos elementos de construção bastante fragmentados: tégulas, blocos de grauvaque, xisto e cerâmica comum de uso doméstico que se distribuem por uma área de 670m².

Referências bibliográficas HENRIQUES, F. [et. al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3.



Figura 15. Cabeço de pequena altitude onde se situa o sítio do Mole.



Figura 16. Represa no Ribeiro da Godinha a 250m do Mole.

Na plataforma sobranceira ao rio, na margem direita do Tejo a uma altitude de 134m existe uma construção, em estado de degradação avançado, que foi casa de habitação à década de oitenta para pastores deslocados do Rosmaninhal. Nas margens do ribeiro da Godinha e até à foz praticavam uma agricultura de subsistência em pequenas hortas irrigadas e com árvores de fruto onde predomina a figueira. A fonte abastecia de água durante o estio. Acerca de 750m da foz no ribeiro da Godinha existe uma represa de grauvaque unindo as margens e construída com a técnica de carril (Figura 16). Esta contém toneladas de cascalho.

Ribeiro do Algarve Fonte do Sordo Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º 13 - Mina. GPSII Coordenadas de um ponto: N39°41'10"/W07°01'15".

A uma altitude compreendida entre os 240 a 250m e na margem esquerda do ribeiro do Algarve localiza-se uma abertura no afloramento de xisto com característica de mineração. Na encosta constata-se um derrame de entulho sem que se identifiquem vestígios de escórias ou óxido ou outro tipo de espólio à superfície.

Na encosta oposta existe uma construção do tipo abrigo em falsa cúpula com nichos interiores apresentam indícios de utilização humana.

Poço do Couto da Espanhola Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 294, 1971. Ficha n.º 14. GPSII Coordenadas de um ponto do sítio arqueológico: N39°46'10"/W07°08'40".

Situa-se na encosta entre 280 e 290m de altitude na margem direita do ribeiro das Cegonhas, a escassos metros de uma via que ligava as casas do ribeiro do Freixo com a casa da Praça. É uma área agrícola de cereais com azinheiras. Foram identificados à superfície (Figura 17), quantidades de blocos de xisto fragmentos de telhas, imbrices, cerâmica comum do doméstico (fragmento com decoração interna e externa incisa - 4 linhas paralelas ondulantes) e escórias de fundição. Área da dispersão dos vestígios: 392m².

Referências bibliográficas HENRIQUES, F. [et. al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3.

Na visita à estação o percurso anterior desta via está alterado por motivos das aramadas instaladas pelo actual proprietário do Couto da Espanhola.

Cubeira Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 305, 1971. Ficha n.º 15. GPSII Coordenadas de um ponto do sítio arqueológico: N39°40'30"/W07°13'09".

Fica este achado localizado a cerca de 100m da actual casa das Cubeiras. Os vestígios romanos distribuem-se por uma altitude de 280 a 286m, de suave inclinação. Encontram-se numa área sem árvores com pequenos arbustos de azinheira e sobreiro, a meio de encosta numa depressão em forma de taça, de fundo plano e bordos levemente inclinados virada para sul e para o rio Tejo. Os vestígios de superfície distribuem-se por uma área de cerca de 17400m²; com um núcleo central de maior concentração, tornando-se mais disperso para a periferia, não é solo de lavras recentes. O espólio à superfície contém: elementos de construção - telhas, opus signinum, pedras e fragmentos de xisto, cerâmica comum, peso de tear em cerâmica, escórias de cor negra e cerosa, fragmento de grauvaque com sinais de fogo e sulcos de garras de prensão (fragmento de um cadinho?) (Figura 18).

Referências bibliográficas Inédito.

Observações Num fácies geológico de xistos emerge um extenso filão de grauvaque a que se acede por um caminho fóssil a partir da estação arqueológica. A estação romana dista cerca de 250m de um povoado semi arruinado da época contemporânea. Várias construções estão envolvidas por pequenas hortas próximas de uma linha de água e de fontes, segundo a bibliografia a fundação do lugar deve-se às populações foragidas de Monforte e Malpica durante as invasões francesas, como refere ORLANDO RIBEIRO (1970: 26) "...Em tempos de guerra, só no meio de matagais incultos os habitantes sentiam a segurança das arroteias: assim nasceu o lugar de Cubeira, cultivado por gente foragida de Monforte e de Malpica".

Cubeira Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 305, 1971. Ficha n.º 16 - Pedreira. GPSII Coordenadas de um ponto do sítio arqueológico: N39°40'30"/W07°13'09". Na periferia da estação de superfície da Cubeira a uma altitude de 286m identificamos estrutura que corresponde a antiga exploração de pedreira por desmonte de rochas, com recolha superficial de blocos. A área de desmonte aproximadamente 50m².

Referências bibliográficas Inédito.

Fonte do Galricho Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º 17. GPSII Coordenadas de um ponto, do sítio arqueológico: N39°43'21"/W07°10'28".

Este sítio localiza-se a uma altitude de 270m entre duas linhas de água onde correm dois afluentes do ribeiro do Galricho numa plataforma xistosa e argilosa com revestimento rasteiro e algumas azinheiras dispersas. Este achado dista aproximadamente 500m de uma pequena horta. Os vestígios de superfície (Figura 19) dispersam-se ao longo da plataforma por uma área de cerca de 18000m². Vestígios de



Figura 17. Vestígios de superfície no Poço da Espanhola.

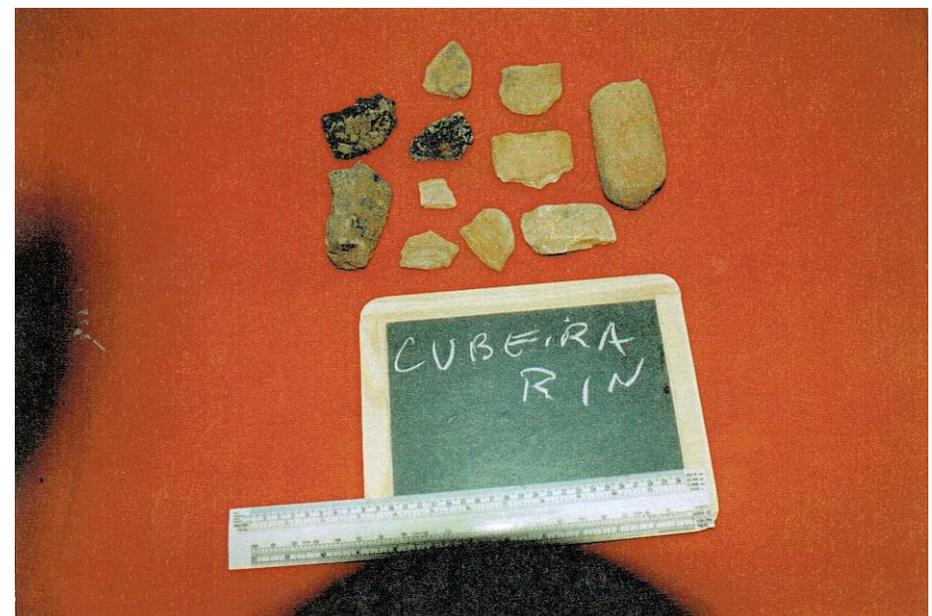


Figura 18. Vestígios de superfície do sítio das Cubeiras.



Figura 19. Vestígios de superfície da Fonte do Galricho.



Figura 20. Vestígios de superfície do sítio das Cegonhas Velhas.

superfície temos elementos de construção: telhas, blocos de pedra, cerâmica comum, sigilata, fragmentos de mó, peso de tear.

Referências bibliográficas Inédito.

Cegonhas Velhas Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 294, 1972. Ficha n.º 18.

GPSII Coordenadas do ponto central, do sítio arqueológico: N39°46'10"/W07°09'51".

Localizam-se os vestígios de superfície (Figura20) ao longo das duas margens do ribeiro das Cegonhas, predominando a concentração na margem direita do ribeiro, logo depois deste sair do curso encaixado na rocha .da pequena elevação que atravessa; os vestígios distribuem-se pela encosta suave entre a altitude de 210 a 220m; o ribeiro assim que sai da vertente rochosa dilata-se em bojo, verificando-se acerca de 100m no ponto médio do leito do ribeiro, a existência de vestígios de uma possível represa ou murete de contenção, dado que, existem as ruínas de uma construção na parte central do curso de água.

Foram observados elementos de construção: telhas, imbrices, chão de opus signinum, blocos de xisto e de quartzo leitoso; cerâmica comum; e material agrícola: ânfora, dolia, mó em granito de grão fino e escória. Área de dispersão dos vestígios na margem direita é de aproximadamente de 5000m² e na margem esquerda de cerca de 30000m².

Referências bibliográficas Inédito.

Observações: O achado dista aproximadamente 850m da povoação em ruínas de Cegonhas Velhas. Situa-se num campo de agricultura com algumas azinheiras de grande porte e dispersas; o vale com árvores de fruto e com poços para irrigação e fontes para abastecimento de água. Nas proximidades localizamos um olival (Figura 21) onde, ainda se constata simetria na plantação. Circundando o espaço de implantação de um poço de pedra incluído numa área de horta com cerca de 2000m², há um muro de adobe (Figura 22) com 1m de altura e cerca de 20cm de espessura.

Santa Madalena Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º 19 – Necrópole. GPSII Coordenadas do ponto central, do sítio arqueológico: N39°42'39"/W07°06'50".

Achado localizado nas proximidades do entroncamento das vias que vão para a Herdade da Poupá e Soalheiras, distribui-se por uma superfície de 1200m² à altitude de 406m.

Vestígios de superfície em pouca quantidade: elementos de construção; cerâmica comum; material agrícola: fragmento de mó rotativa em granito; fragmento de urna cinerária (?).

Referências bibliográficas HENRIQUES, F. [et. al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3.

Observações Situa-se no ponto mais elevado em afloramento de xisto que é o fácies geológico desta estação, dois "túmulos" escavados na rocha do tipo antropomórfico; um parcialmente destruído com a orientação do lado maior E-W.

Fonte de Santa Madalena Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º 20. GPSII Coordenadas do ponto central do sítio arqueológico: N39°42'47"/W07°06'39".

Localiza-se este sítio arqueológico a Este e a Norte da capela de Santa Madalena imediatamente depois do muro que define o recinto, entre os 350 e os 360m de altitude distribuindo-se por uma área de cerca de 13875m² junto de uma plantação de eucaliptos numa zona descoberta a meio da encosta. Ambiente geológico do sítio é de xisto.

À superfície verifica-se a existência de elementos de construção: telhas, tijolos, canalizações, cerâmica comum em pouca quantidade e material agrícola: fragmentos de mó em granito e de dolia (com decoração externa ondulada em espinha).

Referências bibliográficas HENRIQUES, F. [et. al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3.

Fonte de Santa Madalena Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º 21 - Estruturas antropomórficas. GPSII Coordenadas do ponto central do sítio arqueológico: N39°42'51"/W07°06'37".

Localizam-se estas estruturas escavadas na rocha ao longo da linha de água em diferentes cristas dos afloramentos de xisto, tendo no seu contexto ambiental uma fonte de granito. Distribuem-se entre os 350 e os 340m de altitude com a orientação dos afloramentos, verificando-se que ocorre a tendência antropomórfica de orientação do lado maior no paralelo E-W. As medidas em centímetros variam: e1 185x60; e2 180x40; e3 160x40; e4 178x50; e5 168x40; e, e6 170x50.

Observações Verificamos nestas estruturas intenção no modelamento interno e por vezes a existência de apoios tipo almofada. Surge também septos semi separadores de alguns centímetros de altura nas proximidades de um dos lados menores, antropomorfismo na forma, diferentes tamanhos e uma orientação constante.



Figura 21. Olival no sítio das Cegonhas Velhas.



Figura 22. Muro de adobe no sítio das Cegonhas Velhas.

Fonte de S. Tiago Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º 22. GPSII Coordenadas de um ponto 1 num limite do sítio arqueológico: N39º43'39"/W07º03'43"; Coordenadas de um ponto 2 noutra limite: N39º43'40"/W07º03'38".

Localiza-se este sítio arqueológico à direita e à esquerda do caminho que liga o Rosmaninhal à fonte de S. Tiago. Este está dentro da estação. Distribuem-se os vestígios por meia encosta, entre 340 e 330m de altitude, incluindo a área três linhas de água. É uma encosta de declive suave com montado de azinheiras dispersas e de grande porte. Os limites de dispersão dos vestígios são difíceis de medir, dada a vegetação profusa de giestas e os muros existentes. Como área de dispersão obtivemos aproximadamente 52500m².

São inúmeros os vestígios romanos de superfície (Figura 23): elementos de construção - tégulas, imbrices, fragmentos de canalizações cerâmicas, opus signinum; cerâmica comum, cerâmica de paredes finas, sigiliata do tipo ibérica, lucernas, vidro, uma fibula em metal, blocos em granito com moldura; material agrícola: dolia, ânfora, mós em granito; um fragmento de um bloco em arenito com a espessura de 13,5 cm com parte de inscrição (Figura 24), apresentando 3 linhas de fractura pelo que é difícil a sua leitura; fragmentos de escória de alta densidade.



Figura 23. Vestígios de superfície no sítio da Fonte S. Tiago.



Figura 24. Fragmento em arenito com parte de uma inscrição grafa do sítio da Fonte de S. Tiago.

Referências bibliográficas HENRIQUES, F. [et. al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3.

Fonte de S. Tiago Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º 23 - Pedreira. GPSII Coordenadas de um ponto do sítio arqueológico: N39º43'40"/W07º03'38".

Localiza-se à direita do caminho no sentido Rosmaninhal - Fonte de S. Tiago a uma altitude definida pelas curvas de nível 334 a 324m. Com uma acessibilidade à via a menos de 50m. Esta revela sinais de exploração antigos (fósseis), onde foram usados para o trabalho de fracturação: cunhas, picaretas, picos, maços e martelos aproveitando as fendas naturais da rocha. Ambiente geológico xistoso.

Na pedreira com uma área de 3750m² não foram localizados materiais romanos, mas está dentro do limite da estação referida na ficha n.º 22.

Referências bibliográficas Inédita.

Fonte de S. Tiago Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 306, 1971. Ficha n.º 24 - Estruturas antropomórficas. GPSII Coordenadas de um ponto junto à fonte: N39º43'41"/W07º03'46".

Nos afloramentos de xisto nas proximidades da fonte de S. Tiago localizam-se duas estruturas subrectangulares de forma antropomórficas escavadas na rocha, uma parcialmente destruída. As medidas em centímetros são para: e1 35x110; e, e2: 35x110. Estas encontram-se relativamente próximas da fonte de S. Tiago.

Referências bibliográficas Inédito.

Martim Gomes Rosmaninhal Carta militar 1/25000 N.º 294, 1972. Ficha n.º 25. GPSII Coordenadas de um ponto médio junto ao poço: N39º47'03"/W07º06'49".



Figura 25. Vestígios de superfície do sítio de Martim Gomes.

Este sítio arqueológico encontra-se localizado a cerca de 75m à esquerda da via que dá acesso ao Rosmaninhal e a 50m a Sul do monte de Martim Gomes, com uma cobertura vegetal herbácea onde predomina a giesta e algumas azinheiras. Dentro da estação há um poço com água, circular e construído a partir de blocos. Os vestígios de superfície

(Figura 25) distribuem-se pela encosta voltada a sul, de inclinação suave, aproximadamente com 360m de altitude e dispersos por uma área de 6300m². São sobretudo elementos de construção: blocos em granito, silhares, xisto, telhas e imbrice, pedras de construção, opus signinum, tijolo de coluna do tipo 1/4; cerâmica comum, vários fragmentos de mós em granito, 4 pesos de tear paralelepípedicos com perfurações na proximidade do topo menor (n.º de pesos localizados nesta visita) e dolia.

Observações Próximo da estação existe um edifício de apoio agrícola, aí verifica-se a reutilização de materiais provenientes da anterior construção. Esta é do conhecimento de muita pessoas que por aí passam e levam o que tem interesse.

Monte dos Zebros Zebreira Carta militar 1/25000 N.º 294, 1972. Ficha n.º 26. GPSII Coordenadas do ponto médio: N39º48'52"/W07º08'57".



Figura 26. Sítio do Monte dos Zebros.

Achado localizado nos dois lados do caminho (Figura 26) que vai do Monte dos Zebros até às proximidades do rio Aravil. Os vestígios de superfície estão dispersos por uma zona semi planáltica e por três núcleos em terrenos agrícolas de lavras frequentes, entre os 250 e os 261m de altitude, estendendo-se até à linha de água. Identificamos neste

local materiais de construção: tégulas, blocos de granito e em grauvaque, fragmentos de mó, cerâmica comum (não há muita abundância de vestígios).

Área de dispersão: A1 com 180m²; a 250m a Oeste deste ponto temos a área A2 com 250m² e nas proximidades da área A1 a área A3 com cerca de 45m².

Referências bibliográficas Inédito.

Observações Verifica-se que os proprietários juntam os materiais de construção blocos e outros vestígios em amontoados nas zonas menos produtivas que poderão corresponder aos locais das estruturas no solo.

Monte de S. Domingos Zebreira Carta militar 1/25000 N.º 294, 1972. Ficha n.º 27. GPSII Coordenadas do ponto limite1: N39°48'33"/W07°06'26". Coordenadas do ponto limite2: N39°48'41"/W07°06'14"; ponto de maior concentração de vestígios: N39°48'33"/W07°06'14".



Figura 27. Sítio do Monte de S. Domingos.

O achado localiza-se num terreno com azinheiras e agricultado com trigo (Figura 27) atravessado por um caminho de pé posto que vem do Monte de S. Domingos e passa ao lado das Cabanas do Silva, dispersando-se -os vestígios pelo terreno entre os 325 e os 348m de altitude. Apesar das dificuldades de prospecção os vestígios são em tal

quantidade que não foi difícil delimitar a área, já conseguir concretizar os critérios em termos das tipologias e elementos constantes da ficha de prospecção foi diferente. A área que medimos com vestígios estende-se 89600m².

Os vestígios à superfície (Figura 28) são numerosos: elementos de construção (tégulas, chão de opus signinum, pedras de construção em granito aparelhadas, xisto, materiais de construção); cerâmica comum; material agrícola (3 pesos de tear em cerâmica e mós rotativas).



Figura 28. Vestígios romanos de superfície no Monte de S. Domingos.

Referências bibliográficas Inédito.

Coito da Enchacana Rosmaninhal 1 Carta militar 1/25000 N.º 294, 1972. Ficha n.º 28. GPSII Coordenadas do ponto: N39°46'49"/W07°04'29".

Os vestígios dispersam-se por uma área de 875m² entre 250 e 255m de altitude. É um terreno de azinhal com lavras frequentes voltado para um dos afluentes da ribeira da Enchacana. Os vestígios estão dispersos a meia encosta a cerca de 250m das casa do

actual Coito. Fraca densidade de distribuição de materiais. Constam de blocos de xisto, tégulas, cerâmica comum.

Referências bibliográficas Inédito.

Coito da Enchacana Rosmaninhal 2 Carta militar 1/25000 N.º 294, 1972. Ficha n.º 29. GPSII Coordenadas do ponto de maior concentração: N39°46'51"/W07°04'49".

Localizada (Figura 29) ao lado esquerdo da via que vai do Coito da Enchacana para o Monte da Lomba do Chorão numa zona com revestimento de giestas e azinheiras esparsas em que o terreno apresenta suave declive, penepiano, entre os 255 e 250m de altitude a sudoeste do monte do geodésico da Enchacana, e dentro de uma área murada de xisto em ruínas. Os vestígios à superfície distribuem-se por uma área de



Figura 29. Sítio do Coito da Enchacana.

44100m² onde predomina: elementos de construção (xistos, grauvaques, tégulas, imbrices, blocos de granito talhados e com frisos, revestimentos e canalizações); cerâmica comum; restos de fundição escórias de diferentes níveis e fragmentos de mó em granito.

Referências bibliográficas Inédito.

Muro de S. João, Vale da Loja Zebreira Carta militar 1/25000 N.º 294, 1972. Ficha n.º 30. GPSII Coordenadas do ponto de onde foram retiradas as colunas de mármore (Figura 30): N39°47'24"/W07°04'11".



Figura 30. Sítio do Muro de S. João Vale da Loja – é visível à superfície as estruturas dos muros de edifícios desta estação.

Sítio arqueológico localizado no monte do Muro de S. João e ao longo do caminho que vai da Lomba do Chorão para a Granja (zona de confluência das freguesias da Zebreira e Rosmaninhal); verificam-se grandes quantidades de vestígios romanos ao longo de toda a propriedade e fora dela, distribuindo-se por uma área que excede os 300000m², por uma altitude compreendida entre os 234 e os 250m. Terreno semi-plano e agrícola com oliveiras e azinheiras de grande porte (exemplares que apresentam o perímetro do tronco de 3,40m), com barragens poços e linhas de água (numa corre a ribeira de Enchacana) e nas suas margens encontramos hortas e árvores de fruto a cerca de 1000m do local onde assinalamos a estação. Vestígios de superfície, elementos de construção: xistos, pedras de construção (algumas reutilizadas na actual casa do monte), blocos em granito com friso, chão de opus signinum ainda aplicado, muros à

superfície que definem como que um peristilo e de onde foram retiradas 3 módulos de coluna em mármore e dois capitéis, tégulas quase inteiras, imbrices, muitos fragmentos de cerâmica comum, fragmentos de mós em granito e fragmentos de dolia. Observações: o Sr Carlos "Rodas" proprietário do monte actual cedeu-nos informações sobre este achado e como ele tem sido alvo de interesse de indivíduos do exterior ligados à reserva de caça e também de algum vandalismo. O filho mais novo com uma máquina revolveu parte da propriedade na procura de objectos de interesse e valor comercial. No local que assinalamos com as coordenadas expôs algumas estruturas e levantou os módulos das colunas e os capitéis decorados em mármore que vendeu. Em visitas anteriores por pessoas não identificadas foi-lhes dito ser este local uma igreja e a propriedade o sítio de implantação da antiga aldeia do Rosmanihal. O filho tem em sua posse um conjunto de moedas (tesouro?) que prospectou com um detector de metais e que segundo afirma algumas são datadas do século I (cioso do seu tesouro não o mostrou, mas procura comprador para ele). O proprietário refere existência de muitas estruturas no subsolo que o prejudicam na agricultura e a existência de um poço entulhado a meio da propriedade.

Muro de S. João, Vale da Loja Zebreira Carta militar 1/25000 N.º 294, 1972. Ficha n.º 31 – Necrópole. GPSII Coordenadas do sítio: N39°47'34"/W07°04'15".

Sepulturas escavadas na rocha a norte da estação e ao nível de 250m de altitude. Deste local é proveniente (informação oral) a estela (Figura 31) estudada por nós na disciplina de epigrafia. O campo epigráfico apresenta sinais de desgaste como todo o monumento, mas permite a leitura da inscrição na sua totalidade. A molduração singela na base do campo epigráfico esbate-se lateralmente até ao topo sem outros elementos decorativos.

Dimensões (3): 70x36x20

Campo epigráfico: 40x26

D (is) M (anibus) S (acrum) / SVPERAT / F (iliae,) PHILETE M / ATER F (iliae) PIENT / ISSVMI. F (aciendum). C (uravit)

Consagrado aos Deuses Manes. Filete mãe de Superata pientissima (?) mandou fazer.

Observações Segundo informação oral do Sr Carlos Rodas no topo a 250m acima da sua casa e para norte, foram encontradas e destruídas sepulturas escavadas na rocha e daí foi retirado e removido de contexto pedras escritas pouco espessas (estelas?) e vasos em cerâmica ("cacos de cerâmica" sic.).

Granja Segura Carta militar 1/25000 N.º 294, 1972. Ficha n.º 32. GPSII Coordenadas do ponto médio do sítio: N39°48'15"/W07°02'00".

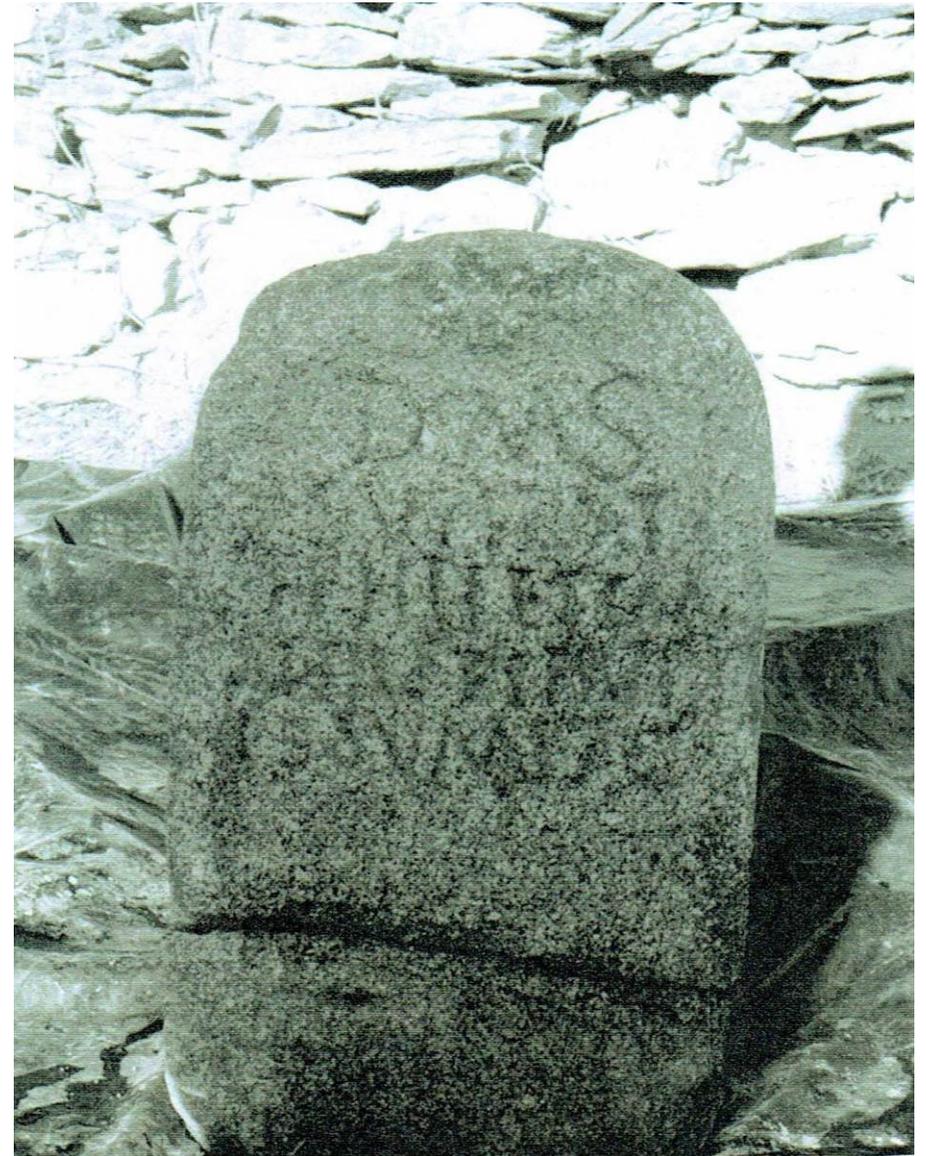


Figura 31. Sítio do Muro de S. João Estela Funerária.

Este localiza-se a 500m do ribeiro do Freixinho, na margem direita; os vestígios estão dispersos de um lado e de outro do caminho que vem do Vale da Loja que passa no Poço do Freixinho e leva a Segura. É um terreno com revestimento herbáceo de giesta e em que a agricultura e as lavras frequentes fragmentam e dispersam os vestígios. Estes distribuem-se por uma área alongada de 2400m², que desce a encosta suave entre os 220 e os 230m de altitude.

Vestígios de superfície (Figura 32): alguns elementos de construção, blocos, cerâmica comum de diferentes tonalidades de cor cinzenta e alaranjada com pastas grosseiras (vasos cinerários).



Figura 32. Cerâmica comum do sítio da Granja.

Observações Recolhida no local um fragmento de uma lápide funerária em granito aparelhado e decorado (Figura 33). Apresenta um duplo friso, envolvendo o campo epigráfico que desconhecemos se teria ou não inscrição. É visível uma parte da decoração no topo esquerdo do campo epigráfico, onde está grafada uma rosácea de seis pétalas. Dimensões do fragmento: frente (campo epigráfico 14,5x13cm; espessura 11cm; dorso plano 18x16cm.).

Poço do Freixinho 1 Granja Segura Carta militar 1/25000 N.º 294, 1972. Ficha n.º 33. Coordenadas do ponto médio deste sítio: N39°48'20"/W07°01'56".

Ao longo do caminho que desce e na margem direita do ribeiro do Freixinho ao nível de 216m de altitude em terreno agricultado de características aluvinares localizamos os vestígios de superfície dispersos por uma área de 4800m²: elementos de construção - blocos de granito, tégula (pouca quantidade), cerâmica comum, mós rotativas, moinhos manuais.

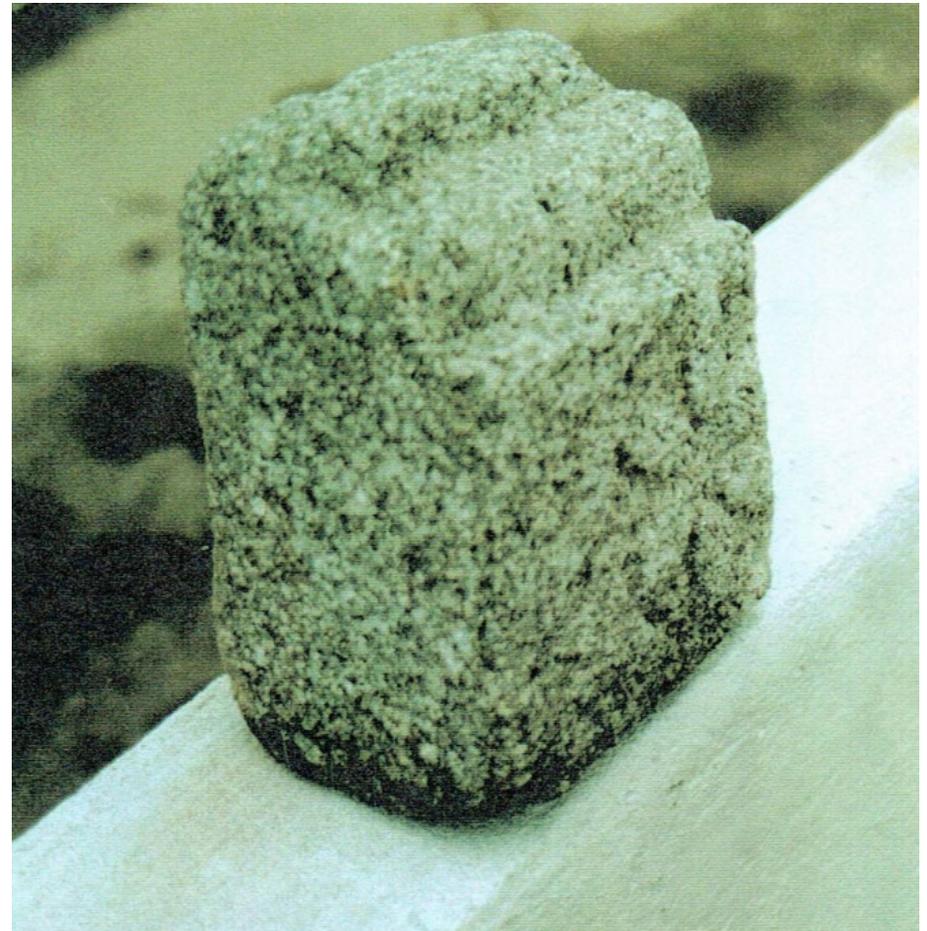


Figura 33. Sítio da Granja – fragmento do topo de uma lápide funerária.

Poço do Freixinho 2 Granja Segura Carta militar 1/25000 N.º 294, 1972. Ficha n.º 34. Coordenadas do ponto médio desta estação: N39°48'20"/W07°01'56".

Este achado localiza-se em terreno quase plano, na margem esquerda do ribeiro do Freixinho a uma altitude de cerca de 216m. Inclui na sua área um poço parcialmente

coberto com armadura em granito e grauvaque. Os vestígios distribuem-se por uma área de cerca de 8400m². À superfície localizaram-se elementos de construção - blocos em granito talhados (Figura 35), telhas, fragmento de um módulo de coluna em granito (Figura 36), só o topo é visível dado que é um afloramento acima do solo de 20cm e o mesmo tipo de cerâmica comum.

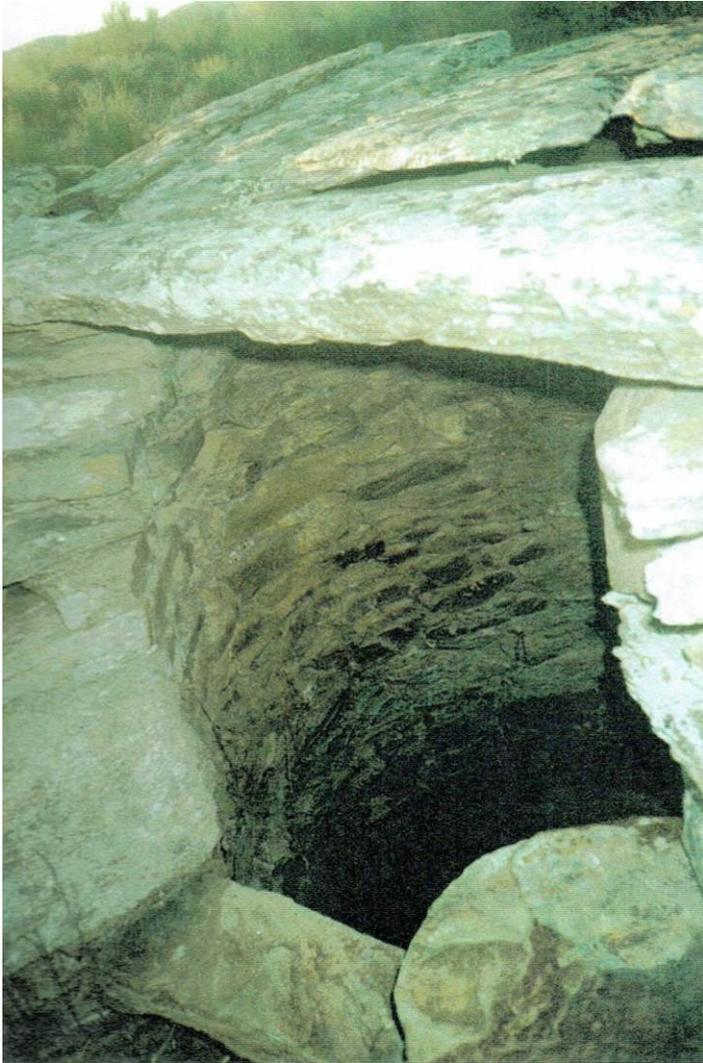


Figura 34. Sítio do Poço de Freixinho Granja – Poço.



Figura 35. Bloco em granito talhado do sítio do Poço do Freixinho Granja.



Figura 36. Fragmento de um módulo de coluna do sítio do Poço do Freixinho.

6. Interpretação dos dados análise da implantação rural romana

Esta região a sul da Egitânia forneceu-nos dados durante a prospecção que justificam a afirmação de alguns autores sobre como evoluiu o processo de romanização nas regiões rurais e de como as comunidades se articulavam e exploravam os campos do ponto de vista agrícola e das riquezas naturais do subsolo (minérios).

Considerando que fizemos uma opção metodológica do aspecto da cronologia, é o período romano que vamos passar a caracterizar, fazendo uma análise dos dados recolhidos e uma classificação tipológica a partir dos vestígios superficiais actuais.

6.1. Classificação tipológica

Os sítios identificados e caracterizados no decurso da prospecção foram classificados com base na quantidade e extensão dos vestígios de superfície actuais e na sua composição e diversidade. Partindo destes critérios agrupámos os sítios em 7 categorias por ordem de importância e por áreas de dispersão dos vestígios actuais, não considerando especificamente os anexos já que podem estar associados à villa, granja e casal. Assim temos de acordo com a nossa opção: a aldeia, a villa, a granja, o casal, a sepultura, a mina e a pedreira.

A aldeia

Quando os territórios envolventes dos sítios que apresentam um raio de exploração aproximado entre 1 a 1,5km e são propícios para uma agricultura variada com irrigação, corroboram esta nossa hipótese de aldeias de maior ou menor dimensão com vocação para a agricultura, podendo acontecer noutros sítios a não observância deste critério na totalidade se a actividade dominante for por exemplo a mineração. Assim, nos sítios com uma área de dispersão dos vestígios a partir dos 10000 a 15000m² teremos um aglomerado populacional do tipo aldeia que até poderá ser um pequeno aglomerado de habitações.

A villa

Sítios com uma área de dispersão dos vestígios de superfície superior a 2000m² (estar compreendida entre 5000 e 25000m²), com a presença de cerâmica de construção (tegulae, imbrices, lateres e tijolos segmentares de coluna), cerâmica comum doméstica de paredes finas, terra sigiliata, vidros, elementos arquitectónicos (bases de coluna e capiteis), termas, estátuas, silhares de granito, material agrícola (ânforas, restos de dolia, pesos de lagar, mós de granito e pesos de tear) e escórias de ferro.

A granja

Os sítios onde estão presentes elementos de construção não suficientes para classificar a habitação que ali existiu como uma villa e é representativa a cerâmica comum de paredes finas, bem como o material agrícola, os moinhos de minério e as bases de pilão e escórias de ferro ou outro minério. A área de dispersão de vestígios de superfície actuais deverá estar compreendida entre 1000 a 5000m².

O casal

Sítio onde os vestígios de superfície actuais estão dispersos entre os 100 e os 1000m². Para caracterizar o casal segundo a tipologia dos vestígios de superfície consideraremos os elementos de construção: cerâmicos, pequenos blocos graníticos, cerâmica comum doméstica, materiais agrícolas (dolia, mós manuais, pesos de tear), e escórias de ferro.

Anexos

Nos anexos ou edificios subsidiários, as áreas em que os vestígios estão dispersos poderá estar compreendida entre 100 ou menos e 600m². O sítio está representado por pequenas quantidades de tégula, lateres, cerâmica comum doméstica, dolia, e escórias de ferro. Quando isolado ou distanciado de outros locais consideramos cabanas em que os vestígios estão dispersos por uma área compreendida entre 100 e 400m², estando presentes lateres, cerâmica comum doméstica e ausência de tégulas.

A(s) sepultura(s)

Área aproximada de 100m² com tégulas, ocasionalmente cerâmica comum doméstica em pequenas quantidades.

A mina

A mineração em alguns casos é do tipo aluvionar nos leitos dos rios e nos terrenos de cascalheiras usada na prospecção de ouro, com vestígios de superfície quase nulos. Outro tipo de mineração é aquela que se pratica por cortes na rocha abrindo cortas, poços e galerias, deixando uma coroa de entulhos, envolvendo a entrada da exploração.

A pedreira

Identificadas a partir de testemunhos da utilização de cunhas de tipo romano, associados a materiais de classificação indiscutíveis tais como tégulas e cerâmica comum.

A classificação²² que aqui adoptamos está baseada na bibliografia sobre estudos já realizados em outras regiões e aos dados que recolhemos no terreno. Uma classificação nesta área do conhecimento contém algum subjectivismo e os estudos posteriores têm-lhe determinado um carácter provisório, pois que só se poderá fazer uma leitura mais correcta de cada estação se se proceder à sua escavação²³. Enquanto isso não é possível, subsistem dúvidas quanto à tipologia e à cronologia dos sítios.

Esta região nos seus vestígios de superfície revela interesse e importância, mesmo sendo zona árida e pouco propícia à agricultura variada, é cerealífera e foi atractiva e determinante para a fixação de muitos povos ao longo dos tempos. Desde a pré-história à actualidade são abundantes os testemunhos que deixaram nos locais que habitaram, nomeadamente os vestígios com características romanas, mas que não nos permitem uma classificação cronológica exacta da ocupação.

Estações da área do Rosmaninhal

Nº	Classificação	Área em m ²	Achados
1	Villa	12400	ep.; op.s.; cc.; m.a; m.; p.t.; e.c.; t.
1a	Anexos da Villa	1600	m.a; c.c.; e.c.
2	Estruturas antropomórficas		
3	Granja	3600	c.c ; m s.; e c; m a; t.
3 a	Anexos	720	c.c; m.a.
3 b	Anexos	500	c.c; e.c.
4	Villa	7200	t.s.; c.c.; o.s.; m.c.; ms; t; s.
5	Aldeia	15000	e.c.; c.c.; o.s.; m.a; es.; m.m.; m.p; t;p t.;s; m s.
6	Estruturas antropomórficas		
7	Aldeia	25000	e. c.; c.c.; es.; m. m.; s; t.

²² ALARCÃO, J. (1998) A paisagem rural romana e alto medieval em Portugal, *Conimbriga*, pp.92-100; ALARCÃO, J. et al (1990), *Les villes romaines* S. Cucufate, pp.158-159; MANTAS, V. G. (1986) *Implantação romana em torno da villa de Cucufate*, p.202; PONSICH, M. (1974) *Implantation rural antique sur le Bas Guadalquivir*, Tomo 1, fasc. II, p.16; CELUZZA, M. G.; FENTRESS, E. (1986) *L'occupation du sol dans l'ager Cosanus et la vallée de l'Albegna (Italie)*, in *La prospection archéologique: paysage e peuplement*, pp.117-118.

²³ ALARCÃO, J. (1990) *A produção e circulação dos produtos*, in *Nova História de Portugal*, p.422.

7a	Represa		
8	Estruturas antropomórficas		
9	Moinhos de Minério		
10	Mina		
11	Mina		
12	Casal	670	e. c.; c. c; t.
13	Mina		
14	Casal	392	e.c; c.c.; es; t.
15	Aldeia	17400	e. c., o. s.; c. c.; p. t; es; t.
16	Pedreira		
17	Granja	18000	e.c.; p.t.; t.s.; c.c.; ms; t.; m.a.
18	Aldeia	35000	e.c.; c.c.; o.s.; m.a.; es.; ms.
19	Necrópole	1200	e. c.; c. c.
20	Granja	13870	e.c.;c.c.;m.a;ms.
21	Estruturas antropomórficas		
22	Aldeia	52500	e.c, c.c; t.s.; lu.; vi.; s., m.a, ep., es., ms; s; p t; t.
23	Pedreira		
24	Estruturas antropomórficas		
25	Granja	6300	s.; e.c.; c.c; o.s.; c. (tijolo); m.a; ms.; p.t; t.
26 a	Cabana agrícola	180	c.c.
26 b	Casal	250	c. c; e. c.; ms.; s; t.
26c	Anexo	45	c.c
27	Aldeia	89600	s.; m.a; ms; e. c; t.
28	Casal	875	e.c.; c.c;t.
29	Aldeia	44100	e. c.; s., c. c., ms.; t; es.
30	Aldeia	300000	e. c.; chão de o. s.; s.; c. e capitéis; c. c.; ms.
31	Necrópole		ep.
32	Necrópole	2400	e.c.; c.c. (v. cinerários); ep.
33	Anexos da villa (a) Villa (b)	4800	e.c.; c.c.; ms; t.
34		8400	s.; c.c.; e.c.; c; t.

Legenda

c. - colunas e/ou capitéis

mos - mosaicos

c.c - cerâmica comum

m.p. - moinhos de pilão

e. – escultura	ms – mós
e.c. - elementos de construção	o.s. - opus signinum
es – escória	p.t. - peso de tear
e.p. – epígrafes	s - silhares
lu. – lucernas	t. – tégula
m. – moedas	t.s. - terra sigillata
m.a. - materiais agrícolas (dolia, ânfora,...)	vi — vidro
m.m. - moinhos de minério	

6.2. A implantação rural

Os dados encontrados levam-nos a supor que nesta zona a paisagem rural na época romana teria vários tipos de núcleos populacionais os quais passamos a caracterizar e apresentamos em anexo 2 (o mapa da ocupação romana na área estudada do Rosmaninhal).

A aldeia

Durante o domínio romano nesta região existiam aglomerados habitacionais que vamos considerar aldeias. Que dimensões teriam estas presumíveis aldeias no tempo dos romanos nesta área do Rosmaninhal? Considerando as características e dispersão dos vestígios as dimensões dos aglomerados populacionais deste tipo era muito diversa. Não é visível em todos os sítios identificados uma área de exploração envolvendo a aldeia (ALARCÃO, 1998, p.100).

As estações referidas no quadro anterior com os números 5, 7, 15, 18, 22, 27, 29, e 30 atribuímos a classificação de aldeias. A de menor dimensão é descrita na ficha 5 com 15000m² na Lagoa da Ribeira, seria um pequeno núcleo de habitações e provavelmente um número reduzido de habitantes. Estes dedicando-se por hipótese mais a actividades de mineração do que às agrícolas, tendo em atenção a escória e os moinhos de minério encontrado e as características do solo.

Temos outras pequenas áreas representadas e que consideramos aldeias como as Cubeiras com 17400m², que nos parece ter tido como actividade dominante a mineração dados os vestígios de superfície.

A Febre Amarela, sítio que classificamos de pequena aldeia com 25000m² e em que os vestígios de superfície, a localização da estação, a represa no ribeiro, o esboroamento do terreno e a toponímia, reforça a hipótese de ter sido uma aldeia mineira ou de apoio à mineração, onde teriam sido possíveis lavras superficiais em busca de ouro.

O sítio da ficha 30, aparece-nos como um grande aglomerado habitacional e os vestígios de superfície dispersos por uma área de 300000 m². Este sítio não nos coloca tantas dúvidas em termos da classificação, mas sim em termos de cronologia de ocupação. Com uma necrópole na proximidade, a Norte, de onde foi exumada uma estela com inscrição (que classificamos como sendo do século III d.C.) e existe a referência a outras destruídas ou reutilizadas. Sabemos ainda da existência de um conjunto de moedas, segundo informação oral do século I e II, exumadas do sítio pelo filho do actual proprietário. Cronologicamente podemos afirmar tratar-se de uma aldeia de uma fase tardia da romanização.

Alguns dos sítios arqueológicos que classificamos de aldeias tais como o números 5, 15, 22, 27 e 29, tivemos dificuldades nessa atribuição, dado que são áreas extensas e os vestígios actuais nem sempre são concludentes. Os sítios 22, 27 e 29 não reúnem à superfície os vestígios que nos permitam concluir por uma villa, que em nosso entender poderiam ter sido.

Esta implantação rural em pequenos aglomerados era uma forma de enfrentar o isolamento da charneca (RIBEIRO, 1984) e desenvolverem o trabalho de mineração para o qual era necessário muitos braços, justificando provavelmente esta densidade de agrupamentos populacionais.

A mineração reunia muitas actividades e profissões realizadas por indígenas, colonos, homens livres e escravos afim de manter e alimentar as populações mineiras. As tábuas de Vispasca²⁴ ilustram a variedade de actividades que aí se realizavam e a deslocação de gentes ligadas à mineração. Também os territórios de exploração de raio aproximado entre 1 e 1,5km (estes não avaliamos sistematicamente), estão presentes em todos os sítios que identificamos como aldeia, sendo indicadores de uma agricultura variada com irrigação a partir de poços.

²⁴ ENCARNAÇÃO, José d' (1984) *Inscrições Romanas de Conventus Pacensis. Subsídios para o estudo da Romanização*. Coimbra, pp.204-216.

As villae

Além de que o conceito de *villae* não é completamente claro e de que nem sempre se localiza aquilo que Varrão chama *urbana ornamenta*: pavimentos de mosaico, revestimentos de estuque pintado nas paredes, termas etc, deixa-nos uma dificuldade em aberto no nosso estudo. Pois não localizamos à superfície e em conjunto estes elementos de construção, que classificariam as estações arqueológicas assinaladas nas fichas como *villae*.

Os sítios que consideramos *villae* foram: n.º 1 Tapada da Ordem com 12400m²; n.º 4 Fonte de Santa Marina com 7200m²; n.º 34 no Poço do Feixinho com 8400m² e seus anexos; ficha n.º 33 com 4800m² localizando-se nas duas margens do Ribeiro do Freixinho.

Qualquer destes sítios não apresentam a totalidade dos critérios para uma classificação e cronologia inequívoca de *villae*, mas considerando a indefinição do conceito que se mantém desde os autores clássicos²⁵ e a atenção que se tem dado a esta problemática das estruturas rurais do mundo romano em diversos estudos realizados nos nossos dias²⁶, arriscamos essa classificação provisória.

Em termos gerais *villae* reporta-se a duas componentes fundamentais: a *pars urbana*, onde se erguia a residência senhorial e a *pars rustica*, esta integrando o conjunto de edifícios com carácter agro-pecuário (lagar, celeiro, adega, estábulos, instalações dos criados, etc.), necessária à exploração do *fundus*²⁷. A *villae* neste caso teria uma dupla funcionalidade, dado que possuía uma função residencial e uma função económica, associando assim o *otium* ao *fructus*.

É nesta categoria, que se enquadra um grande número das *villae* conhecidas, porém existem outros casos referenciados pelos autores clássicos e contemporâneos e comprovados pelas escavações em que estas duas componentes não estão associadas²⁸. Neste sentido designaremos estes prédios menores e com menos sinais de opulência também por *villae* apesar dessa designação não estar totalmente correcta

²⁵ GORGES, Jean-Gérard (1979) *Les Villae Hispano - Romaines, Inventaire e problématique archeologique*, CNRS, Paris, pp.12-19 e 146-149; PEREZ LOSADA, F. (1987) *Sobre o conceito de villa no mundo romano*. Cadernos de Arqueologia, Série II, 4, pp.81-110.

²⁶ ALARCÃO, J. (1990) *A produção e a circulação dos produtos*, pp.417-424; ALARCÃO, J. (1998) *Paisagem rural Romana e alto medieval em Portugal, Conimbriga*, 37, pp.92-94; MANTAS, V. G., Implantação rural romana em torno da villa de S. Cucufate, pp.199-208.

²⁷ ALARCÃO, J. (1990) *A produção e a circulação dos produtos*, p.417.

²⁸ PEREZ LOSADA, F. (1987) *Sobre o conceito de villa no mundo romano*. Cadernos de Arqueologia, Série II, 4, pp.89-90.

(e a divergência se iniciar com os autores clássicos), onde se evidencia a subalternização da função residencial do senhor, da propriedade.

O sítio n.º 34, edifícios à beira de uma estrada (via antiga, mas não inequivocamente identificada), 5km depois de uma aldeia, (ficha n.º 30) e distando aproximadamente 15km de Segura (a principal via romana). Dada estas condições e a sua localização poderíamos estar perante um outro tipo de estação, uma *mutatio* (mas na prospecção não foram identificadas termas no local), assim, arriscamos a classificá-la de villa e anexos subsidiários.

A granja

Às médias propriedades poderia corresponder habitações mais modestas destituídas daquilo que Varrão designa por *urbana ornamenta*, daí algumas dificuldades sentidas na classificação dos sítios.

Já no seu tempo Varrão achava impróprio designar algumas propriedades por villa por não terem nem os ornamentos urbanos nem as dependências rústicas. Classificaremos as estações arqueológicas de granja aquelas que reúnam o maior número de critérios de classificação.

Assim vamos considerar áreas maiores de dispersão dos vestígios por falta de outros elementos no terreno mais clarificadores.

Onde estão presentes elementos de construção não suficientes para classificar o edifício que ali existiu como uma *villa* e temos a cerâmica comum de paredes finas, bem como o material agrícola, moinhos de minério, bases de pilão, escórias de ferro ou outro minério, numa amostra representativa, vamos classificar estes sítios de granjas. Assim, à média propriedade a sul da Egitânia que não reúna critérios para villa designamo-la por granja (ALARCÃO, 1998, p.94).

Classificamos como granjas os sítios assinalados na ficha n.º 3, Fonte do Castelo, com 3600m², só com cerâmica comum de paredes finas e demais elementos que constam do quadro anterior e seus anexos referidos no n.º 3a e 3b; no sítio n.º 17, Fonte do Galricho, granja com 18000m², estando presentes fragmentos de terra sigiliata e demais elementos, mesmo assim não suficientes para classificar este sítio de uma villa; no sítio n.º 20, Fonte de Santa Madalena, com 13870m² só com cerâmica comum; sítio n.º 25, Martim Gomes, com 6300m², com cerâmica comum, vários pesos de tear e tijolos de coluna além dos outros elementos de construção.

O casal

O casal corresponde a uma unidade de exploração familiar em que a área de construção é menor do que as granjas e os vestígios de superfície estão dispersos entre os 100 e os 1000m². Quando estes tipo de vestígios estavam na proximidade de uma villa foram classificados como anexos da villa (ALARCÃO, 1998, p.96) ou edifícios subsidiários (como por exemplo a casa do guarda dos porcos, a casa do lenhador, a cabana do pastor e do trabalhador da seara)²⁹.

A partir destes conceitos, e com base nos critérios de identificação dos sítios consideramos como casais os que referimos no quadro anterior em n.º 12 no Mole Molhe, com 670m². A toponímia, a localização e a proximidade de um território de exploração mineira leva-nos a supor que estaria relacionado com a mineração e o seu provável transporte por via fluvial. Outro casal assinalado é o da ficha n.º 14 no Poço do Couto da Espanhola com 392m²; na ficha n.º 26b com 250m², no Monte dos Zebros que poderá ser também um ou mais casais ou um casal com os seus anexos que são referidos nas fichas n.º 26a e 26c (sendo de referir a proximidade destes 3 núcleos de vestígios); e, por último na ficha n.º 28, no Coito da Enchacana com 875m². Estes casais que assinalamos possuem uma área que oscila entre 250 e os 875m², e que têm em comum elementos de construção (blocos e tégulas) e cerâmica comum. No Poço do Couto da Espanhola está também presente a escória. Estes critérios classificativos e de imprecisão cronológica têm uma consistência de probabilidade até comprovação contrária.

A(s) sepultura(s)

Os sítios identificados como sepulturas poderão corresponder a uma área aproximada de 100m² com tégulas e ocasionalmente cerâmica comum doméstica em pequenas quantidades. Estes sítios foram localizados nas proximidades de casais e granjas, podendo ter outras dimensões quando na proximidade de *villae* (as necrópoles das *villae* são em regra sítios de consideráveis dimensões), assim como as de aglomerados habitacionais do tipo da aldeia.

Assinalamos como prováveis necrópoles os sítios referidos no n.º 19 nas imediações do sítio classificado por granja na Fonte de Santa Madalena, onde está presente cerâmica

²⁹ ALARCÃO, J. (1997) *A tecnologia agrícola romana*, pp.140-141 e 148, "de Columela parece inferir - se que um hectare de terra cerealífera representava com as diversa lavras ao longo do ano: 16 dias de trabalho do boieiro com a sua junta; 4 dias no destorroamento; 8 dias na primeira sacha e 4 na Segunda; 4 dias na monda e 2 na ceifa. Ou seja o cultivo de uma seara exigia 22 dias de trabalho por de um homem por hectare, excluído o boieiro".

comum e escassas tégulas; no sítio n.º 31 a norte da estação referida na ficha n.º 30, Muro de S. João Vale da Loja, de onde foi exumada em data incerta (informação oral) uma estela com uma inscrição funerária. O campo epigráfico apresenta sinais de desgaste como todo o monumento, mas permite a leitura da inscrição na sua totalidade. A molduração singela na base do campo epigráfico esbate-se lateralmente até ao topo sem outros elementos decorativos.

Dimensões: 70x36x20; campo epigráfico: 40x26.

D (is) M (anibus) S (acrum) / SVPERAT / F (iliae) PHILETE M / ATER F (iliae)

PIENT / ISSVMI. F (aciendum). C (uravit).

Consagrado aos Deuses Manes. Filete mãe de Superata pientissima (?) mandou fazer.

Outros materiais foram retirados desta necrópole e reutilizados pelo actual proprietário do monte.

Do sítio referido no n.º 32 Granja, foi também exumado um fragmento de estela em granito; no campo epigráfico só é visível parte da decoração neste local identificamos muitos fragmentos de cerâmica comum de urnas cinerárias (?)³⁰.

A mina

Na região em estudo a mineração que foi realizada nem sempre deixou vestígios de superfície, dadas as suas características de exploração em pepitas aluvionares e nos rios, tal como o rio Tejo referido por (PLIN, 33, 66) e seus afluentes Erges e Aravil.

Segundo (GUERRA, 1959)³¹ muitos autores clássicos se referem ao Tejo e as suas areias auríferas, é o caso das referências de Plínio sobre o ouro do Tejo (PLIN, 33, 66) e a boa qualidade das pepitas que daí se extraíam.

Surgem também nas referências que nos afluentes do Tejo, Ponsul, Erges e Aravil e nos seus aluviões que foi encontrado ouro. No Rosmaninhal à superfície também têm aparecido algumas pepitas de ouro, mas tudo isto é na bibliografia. Não há notícia recente de tal achado. Outra mineração terá acontecido na região e são significativos os vestígios localizados à superfície, nos sítios arqueológicos referidos, bem como a presença dos moinhos de minério, das mós rotativas, das bases de pilão, e das minas identificadas com os sítios n.º 10, Mina do Fervedouro, onde se recolheu escória e

³⁰ ALARCÃO, J. (1987) *Portugal romano*, 4ª ed. (revista), p.192-197.

³¹ GUERRA, Amílcar (1995) *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Edições Colibri, Lisboa, pp.130-131: "são mais de 40 as referências de autores clássicos, de literatura latina às areias auríferas do Tejo".

fragmentos de cerâmica comum de cronologia imprecisa. Este poço de acesso provável a uma galeria entalhada está sem lavras há muito tempo. O sítio n.º 11, Minas do Cabeço, ou Cabeço dos Pires, ilustram profusamente a actividade de mineração, dado que localizamos três cabeços completamente esventrados por valas do tipo trincheira em busca de filão. Neste local não se detectou qualquer tipo de minério ou outros vestígios que permitam uma classificação e cronologia.

A pedreira

Identificadas a partir de testemunhos da utilização de cunhas de tipo romano associadas a materiais de classificação indiscutíveis tais como tégulas e cerâmica comum. As pedreiras assinaladas nesta prospecção não reuniam os critérios de classificação anteriores, embora dentro de um contexto de sítio romano e sem sinais recentes de exploração.

6.3. Organização espacial

A abordagem deste tema é inédita neste local o que a torna interessante apesar das reais dificuldades, da sua complexidade e múltiplas possibilidades de pesquisa. Mesmo abrangendo só o período romano no que concerne à implantação do habitat e ocupação e exploração do solo na região, tornou-se difícil e complexa a tentativa de definir etapas cronológicas de ocupação do solo neste espaço rural, e mais difícil ainda, estabelecer interdependências entre os sítios caracterizados.

A nossa dificuldade residiu essencialmente na escassez de materiais susceptíveis de fornecerem datações precisas (considerando que todos os vestígios encontrados estão sem contexto estratigráfico, e à superfície nem todas as fases de ocupação de uma estação estão igualmente representadas)³².

A classificação tipológica dos sítios, a área de dispersão dos materiais e a sua composição, poderão não oferecer uma representação fiel de todas as fases de ocupação de cada um. Nas prospecções o que se revela pode não corresponder à verdadeira origem da estação, pois que, esteve sujeito à acção dos homens, às suas mudanças de vontades quanto à importância da implantação do habitat e a todo o tipo de acção que se exerceu sobre o solo nesses sítios geralmente é a última fase de ocupação do solo que se encontra melhor representada³³.

³² FRÉDÉRIC, Louis (1980) *Manual prático de arqueologia*, Coimbra, pp187-190.

³³ CELUZZA, M. G.; FENTRESS, E. (1986): *l'occupation du sol dans l'ager Cosanus et la vallée de l'Albegna (Italie)*, in *La prospection archéologique: paysage et peuplement* (Actes de la table ronde de 14 et 15 Mai 1982, Paris, publiés sous la direction d'Alain Ferdière et d'Elisabeth Zadora - Rio) Paris, pp.119-120.

Os estudos sobre esta problemática nos últimos tempos não sendo conclusivos, permitem algumas propostas de interpretação. A informação só estaria completa sobre todos e cada um dos locais se existissem dados cronológicos exactos. Só assim era possível conhecer melhor a organização espacial e a articulação e interdependência dos sítios identificados.

Tendo em atenção os locais identificados na proximidade da *villae* da fonte de Santa Marina, parece identificar-se uma nítida concentração de outros sítios, situados provavelmente no fundus da villa e dessa forma em relação directa de dependência, complementando uma unidade de produção³⁴. Esta unidade de produção com casais a norte que se dedicariam a actividades agropecuárias, à agricultura de cereais, o que está corroborado pelos materiais agrícolas identificados nos vestígios de superfície desses sítios. A sul esta *villae* estaria directamente relacionada com a mineração.

Considerando que foi esta a área sujeita a prospecção sistemática e que por isso temos mais dados sobre os sítios. Para os restantes locais é arriscada uma proposta de interpretação e de reconhecimento de interdependência dos locais tendo em atenção o método de prospecção utilizado.

7. Conclusão

O nosso estudo mais do que chegar a conclusões é o dar continuidade a um questionamento sobre uma temática muito complexa e aliciante, não deixando de ser inferencial e interpretativo da paisagem rural durante o domínio romano no Rosmanihal.

Dos sítios identificados nem sempre foi possível encontrar critérios conclusivos e que garantissem uma classificação segura.

Uma das curiosidades da prospecção foi as estruturas do tipo antropomórfico escavadas no xisto com uma orientação geográfica constante, e na proximidade de um conjunto de vestígios de superfície do período romano. Estas estruturas levam-nos a formular uma Série de hipóteses explicativas para a sua existência, nomeadamente associada a rituais funerários.

Foi também significativo nos vestígios encontrados à superfície a sua relação com a mineração, que se ajusta a uma comunidade rural dedicada a actividades agrícolas, de pastorícia e mineiras.

³⁴ ALARCÃO, J. (1976) *Sobre a economia rural do alentejo na época romana*, Conimbriga, 15, pp.23-27.

Bibliografia

ALARCÃO, J. (1976) Sobre a economia rural do alentejo na época romana, *Conimbriga*, 15, pp.23-27.

ALARCÃO, J. (1987) *Portugal romano*, 4ª ed. (revista).

ALARCÃO, J. (1988a) *O domínio romano em Portugal*, Publicações Europa América.

ALARCÃO J. (1988b) *Roman Portugal*, vol. 1, England.

ALARCÃO, J. (1990) Portugal - das Origens à Romanização, in *Nova História de Portugal*, Direcção de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Martins, vol. I.

ALARCÃO, J. (1997) A tecnologia agrária romana, in *Portugal Romano a exploração dos recursos naturais*, Ministério da Cultura, Museu Nacional de Arqueologia.

ALARCÃO, J. (1998) A paisagem rural romana e alto medieval em Portugal, *Conimbriga*.

ALARCÃO, J. et al (1990) *Les villes romaines S. Cucufate*, Paris.

ALLAN, John C. (1965) A mineração em Portugal na antiguidade, *Boletim de Minas*, Lisboa, 2(3), Jul./Set., pp.139-175.

ALMEIDA, D. Fernando (1956) *Egitânia história e arqueologia*, Lisboa.

CELUZZA, M. G.; FENTRESS, E. (1986) *L'occupation du sol dans l'ager Cosanus et la vallée de l'Albegna (Italie)*, in *La prospection archéologique: paysage et peuplement* (Actes de la de la table ronde de 14 et 15 Mai 1982, Paris, publiés sous la direction d'Alain Ferdière et d'Elisabeth Zadora - Rio), Paris.

ENCARNAÇÃO, José d' (1975) *Divindades indígenas sob domínio romano em Portugal*, INCM, Lisboa.

FASHAM, P. J. (1972) *Approches de la prospection systématique*, in *La prospection archéologique Paysage e peuplement* (Actes de la de la table ronde de 14 et 15 Mai 1982, Paris, publiés sous la direction d'Alain Ferdière et d'Elisabeth Zadora - Rio).

FERNÁNDEZ NIETO, F. J. (1970-1971) Aurifer Tagus, *Zepirus*, pp.21-22.

FRÉDÉRIC, Louis (1980) *Manual práctico de arqueologia*, Coimbra.

GARCIA, José Manuel (1984) *Epigrafia lusitano romana do museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco.

GORGES, Jean-Gérard (1979), *Les Villas Hispano - Romaines, Inventaire e problématique archeologique*, CNRS, Paris.

GPSII (1998) *Owner's Manual & Reference*, Garmin Corporation (Global Positioning System).

GUERRA, Amílcar M. Ribeiro (1995) *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*, Edições Colibri, Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa.

HENRIQUES, Francisco [et al] (1993) *Carta arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3, Vila Velha de Ródão.

MANTAS, Vasco Gil (1986) Implantação rural romana em torno da villa de S. Cucufate, *Arquivo de Beja*, 2.ª Série, 3, pp.199-214.

MESTRE, Joaquim Figueira; TOUCINHO, Maria João Rocha (1983) Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Beja - inventário dos sítios arqueológicos romanos, *Arquivo de Beja*, vol. III, 2.ª Série.

NOLEN, U. Smit Jeannette (1994) *Cerâmica e vidros de Torre de Ares*, Instituto Português dos Museus, Lisboa.

PEREZ LOSADA, F. (1987) Sobre o conceito de villa no mundo romano. *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 4, pp.89-90.

PONSICH, M. (1974) *Implantation rural antique sur le Bas Guadalquivir*, Tomo I, fasc. II.

RIBEIRO, Orlando (1970) *A evolução agrária no Mediterrâneo - notícia e comentário de uma obra de Albert Silbert*, Lisboa, 1970.

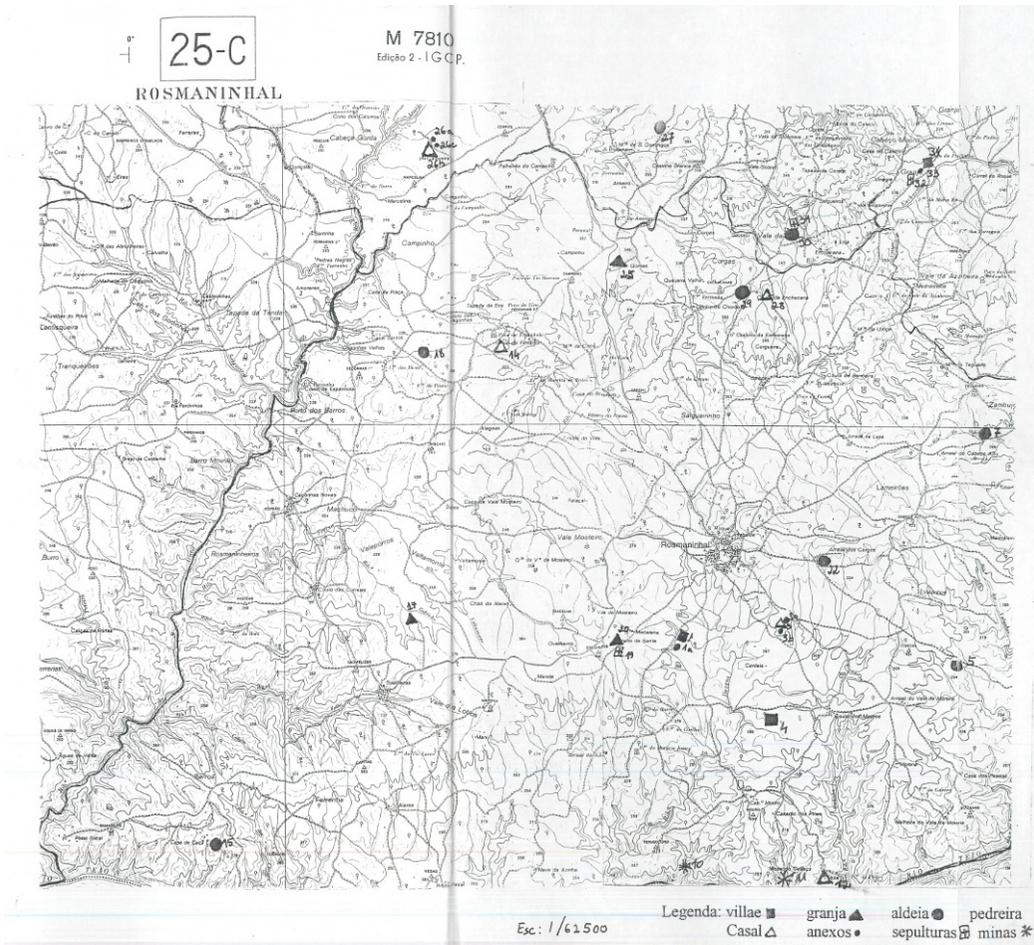
RIBEIRO, Orlando; TEIXEIRA, C.; RIBEIRO FERREIRA, C. (1967) *Carta geológica de Portugal*, Notícia explicativa da folha 24 D, Castelo Branco, pp.5-22.

SAA, Mário, s.d., *As grandes vias da lusitânia, O itinerário de Antonino Pio*, Tomo V, Lisboa.

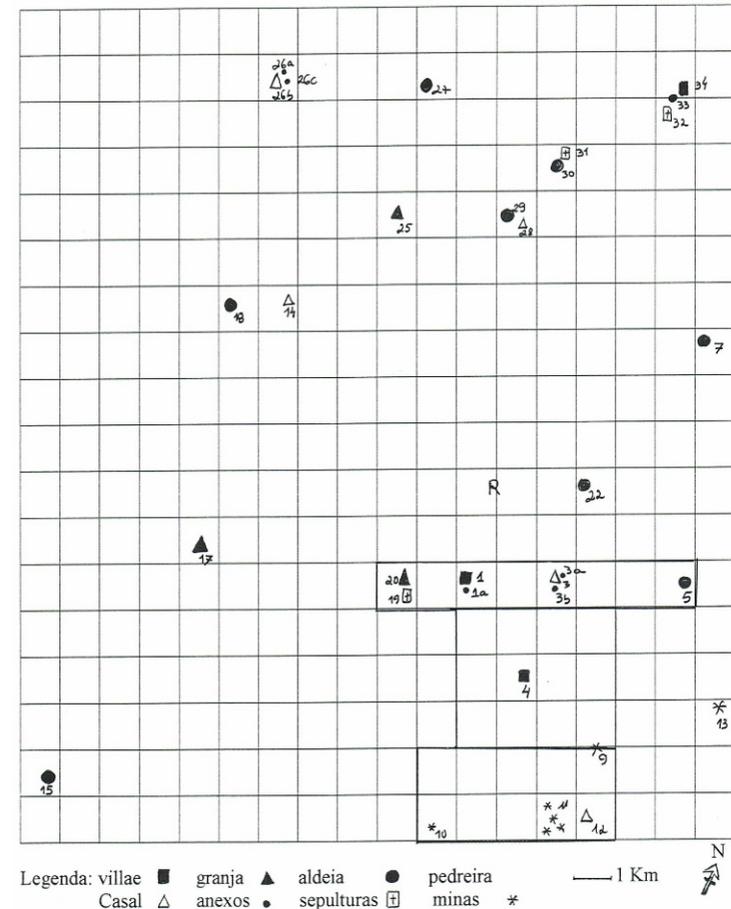
SERVIÇO CARTOGRÁFICO DO EXÉRCITO (1991) *Manual de leitura de cartas*, 3.ª ed.

Anexos

Anexo 1 Mapa dos sítios



Anexo 2 A implantação rural romana a sul da Egitânia



Anexo 3 Ficha de prospecção

ANEXO 1

FICHA DE PROSPECÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ROMANOS

DADOS GEOGRÁFICOS DE LOCALIZAÇÃO

Coordenadas _____ Carta _____ Nº _____
 Altitude _____ Nome cartográfico _____
 Nome popular _____ Freguesia _____
 Lugar _____ Povoação mais próxima _____
 Características do local _____

ELEMENTOS DE CONSTRUÇÃO:

A - Telhas Tijolos Pedras de construção Tanques
 Materiais de construção Mosaicos Policromo Bícromo
 Tesselas dispersas Chão de *opus siginum* Cisternas
 Canalizações Diversos _____

B - Pedra de cantaria Pedra de soleira Fuste/base de coluna
 Capitel Tijolos de coluna (1/2, 1/4, 1/6 de círculo) Termas
 Hipocausto Átrio Peristilio Galeria Diversos

C - Estuques pintados ou emoldurados Decoração do mosaico
 Vegetal Animal Geométrica Mármore de ornamentação
 Objectos de arte Diversos _____

CERÂMICA E OBJECTOS DE VIDROS

Cerâmica / Tipo – Campaniense: A B C
 Sigillata – Aretina Sud – gálica Ital. Tardia Hispânica
 Clara A C D Comum Lucernas/Tipo : Arcaicas
 Volutas Disco Canal aberto Cristãs
 Numismática / Epigrafia _____
 Necrópole _____

Tipo de solo/Culturas _____

MATERIAL AGRÍCOLA

Ânforas Tipos / marcas Dolia Barragens Mó
 Forno de cerâmica Prensa de lagar Utensílios agrícolas
 Diversos _____

Data de ocupação do local _____
 Bibliografia _____